



43 20

ANTOLOGIA

Textos Portugueses



READ ON



Co-funded by the
Creative Europe Programme
of the European Union



readonportugal@gmail.com



www.readon.eu



@readonportugal



readon



<http://tiny.cc/canalyoutubereadon>

Ilustração da Capa:

Mariana Santos

Escola Secundária Romeu Correia, Almada, Feijó



READ ● ON

ANTOLOGIA

Textos Portugueses

2019/2020



CHARNECA DE CAPARICA • ALMADA



Co-funded by the
Creative Europe Programme
of the European Union



READ ON é um projeto que aposta nas jovens que leem ou que, aparentemente, perderam o gosto pela leitura ou, de facto, ainda não se tornaram leitores.

O projeto visa apoiar e disseminar a paixão pela leitura nos jovens europeus, entre os 12 e os 19 anos, através do seu envolvimento ativo na reformulação das formas de vivenciar, compartilhar e criar literatura.

O nome deste projeto é um acrónimo de Reading for Enjoyment, Achievement and Development of yOuNg people, constituindo-se como uma oportunidade para uma nova geração de leitores.

Com o apoio do EACEA's Creative Europe Community Program, o projeto READ ON tem uma duração de quatro anos (junho 2017 - maio de 2021) e conta com sete parceiros internacionais, incluindo escolas, festivais e centros de promoção cultural, todos com foco especial em jovens com menos de 20 anos: Haugaland videregående skole (Haugesund, Noruega), Skudeneshavn Internasjonale Litteratur-og Kulturfestival (Skudeneshavn, Noruega), Festivalletteratura (Mântua, Itália), Escrita West Midlands (Birmingham, Reino Unido), Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté (Almada, Portugal), Associació Tantàgora Serveis Culturals (Barcelona, Espanha) e West Cork Music Ltd (Cork, Irlanda).

O projeto READ ON está organizado numa série de ações coordenadas, focadas na promoção da literatura nas diferentes vertentes, hábitos de leitura, narrativas e mundo digital, relação entre autores e jovens leitores, procurando estimular a energia criativa dos jovens, expandir o seu conhecimento e dar respostas às suas preocupações e à plena expressão do seu potencial. Algumas das iniciativas planeadas pelo projeto READ ON incluem a criação de antologias colaborativas, a produção de podcasts dedicados a formas emergentes de contar histórias, a criação de uma oficina permanente para fãs de ficção, uma competição para narradores e autores de banda desenhada menores de 20 anos, encontros entre autores e jovens leitores, e autores que envolvem jovens na criação de histórias.

Este livro, que tens nas tuas mãos, a que se chamou “Antologia” teve origem numa das atividades do projeto READ ON.

Como deves saber, as antologias escolares habituais são uma coletânea de obras que os estudantes devem ler. A partir deste conceito, os autores deste projeto foram pensando neste assunto e tiveram uma ideia: “E se tentássemos virar a ideia ao contrário, reunindo, numa antologia, os textos que os jovens gostam de ler?” E mais ainda... “E se fossem os próprios jovens a escrever e ilustrar os seus textos/contos, com a ajuda de autores, e os publicassem, criando uma Antologia?”

Foi isto que fizeram jovens de 4 países parceiros, cada um à sua maneira: Uns escreveram textos em conjunto com escritores e ilustraram-nos (Portugal), outros apenas se dedicaram à produção escrita (Inglaterra e Noruega). Os jovens italianos optaram por escolher 16 textos de autores consagrados.

Em condições normais, estaríamos agora a apresentar-te e a colocar nas tuas mãos um livro com todos estes textos. Acontece que a pandemia gerada pela infeção do Vírus COVID-19 nos “trocou as voltas” e tornou-se impossível, em tempo útil, conseguir as traduções dos textos noruegueses e as autorizações de publicação dos textos escolhidos pelos jovens Italianos. Como o Projeto READ ON não quer e não pode parar, porque o tempo dos jovens é diferente do tempo das instituições, porque muitos dos jovens escritores irão sair muito brevemente das escolas secundárias que frequentam, optámos por dar à estampa uma primeira versão da Antologia, só com os textos portugueses de modo a ser publicada em ebook ainda a tempo de ser apresentado durante a realização do Festival READONline.

Acreditamos firmemente que muito em breve iremos publicar a versão completa da antologia 19/20 em versão papel. Sonha connosco, vai ficar tudo bem.

O parceiro Português READ ON
Maio 2020

ÍNDICE

DESENCONTROS <i>Francisca Macedo</i>	9
CORO <i>Inês Barata Raposo</i>	21
O MAIOR AMOR DE TODOS <i>Sandra Carvalho</i>	33
EQUÍVOCOS <i>Nuno Matos Valente</i>	51

Maria Francisca Macedo é autora de livros infantojuvenis.

A sua coleção de estreia, O Clube dos Cientistas, alia aventuras e experiências, tornando-se um sucesso em muito pouco tempo. Professora de formação, viu o seu trabalho ser reconhecido, em 2018, pelo Global Teacher Prize, com uma menção honrosa pelo contributo para a educação e sustentabilidade social, e os seus livros são um reflexo das sua criatividade, também eles reconhecidos pelo Plano Nacional de Leitura e pela rede de museus e centros CiênciaViva. É membro do Conselho Editorial da revista APEDUC, sobre investigação e práticas no ensino da Ciência, Matemática e Tecnologia.

Para além da educação, procura aprofundar conhecimentos na área da leitura e das histórias, tendo concluído uma pós-graduação em Livro Infantil em 2019, ano em que também foi galardoada com o prémio Maria Rosa Colaço para a melhor obra infantil inédita. Actualmente escreve, dá formação e percorre as escolas, de lés a lés, em encontros e workshops.

Quando lhe perguntam a profissão, diz que é sonhadora profissional.

Ah, e nómada nas horas vagas!

DESENCONTROS

Um conto sobre amor escrito pelos alunos

*Bernardo Nobre, Eva Saraiva Pinho, Inês Gama, Isabella Baltazar, Madalena Rega,
Margarida Correia, Ricardo Gil, Rita Patrício e Sofia Lopes,
com a orientação de Maria Francisca Macedo, e a inspiração de alguns professores.*

*Tens ficado presa nos meus pensamentos desde o dia em que te conheci
e não consigo perceber porquê.
Gostava que levasses contigo a parte que te pertence dentro de mim.
De uma vez por todas. É que, sabes, amar-te dói. Deixa-me confuso.
Nunca te vi sorrir,
jurei a mim mesmo que te faria feliz. E essa é a minha história:
a de um tolo apaixonado por uma infeliz.*

O dia tinha começado há meia hora e nada. Ela passava os portões da escola, e nada. Os colegas conversavam entre eles: e nada. Joana não conseguia sentir fosse o que fosse. Joana não tinha mãe. Nem pai. Nem casa.

E, agora, não tinha avó.

– Tu estás bem? – quis saber a colega. – Ouviste alguma coisa do que dissemos sobre hoje à tarde.

Joana forçou um sorriso enorme enquanto o seu olhar caía nele: Samuel, com os seus olhos honestos, o seu jeito elucidativo que trazia aquele encanto estonteante e passava a sensação de paz aos conflitos que ela tinha.

Samuel.

– Claro. Vai lá estar toda a gente. Praia. Depois da escola. Conta comigo.

Talvez ele estivesse lá. Ele, que tinha cabelos da noite com olhos de dia, mãos mornas e firmes e cheiro a mistério. Joana não sentia nada, andava ausente, mas quando olhava para ele havia qualquer coisa que tentava despertar.

Como se a alegria não lhe fosse vedada.

A campainha ainda não tinha tocado. Os autocarros chegavam e partiam. Ela ajeitou a sua mochila enquanto o admirava ao longe. Decidiu dar um passo, ignorando os nervos, mas foi impedida por uma voz conhecida:

– Bom dia! – sentiu o seu coração a saltar quando se voltou para encarar a familiar. Tentou fazer-lhe um sorriso rápido. Porém, quando se virou, foram os faróis do transporte que anunciaram a desilusão, já há muito marcada no seu rosto pálido.

Ele já lá não estava.

Abanou a cabeça e voltou a concentrar-se em guardar a tristeza. As aulas iam começar.

*Todos acham que sou insensível. Um rapaz fútil.
Já dizia Fernando Pessoa que a partir do momento em que
intelectualizamos os nossos
sentimentos, estes deixam de ser puros.
São emoções racionalizadas e em constante mudança, a modo
de serem melhor mediadas. Como quero sentir verdadeira e genuinamente
prefiro nada dizer, para que consiga manter-me fiel.*

Quando Joana chegou à praia, ondas gigantes batiam fortemente sobre a areia molhada, ao som de gargalhadas que eclodiam aquele ambiente caloroso de verão. O céu, azul claro, encontra-se com um tom levemente rosado, anunciando a entrada do pôr do sol, enquanto gaivotas agitadas inundam aquele final de tarde.

“Devia estar feliz”, pensou ela. “Eco. Toda a praia se enche do meu eco. Grito em silêncio por ajuda. Ninguém me ouviu!”

A prima e a amiga acenaram-lhe. Ela acenou de volta, com um nó no estômago: ele estava lá.

Enquanto avançava, pousou a toalha antes de ir a correr para o mar. Aproximou-se com as bochechas vermelhas e cumprimentou todos, ou quase:

– Ei! Então e eu? Estás a esquecer-te de mim? – Perguntou o Samuel.

Ela sorriu, impaciente, enquanto mergulhava. Ele, meio desorientado, tirou o cabelo da cara e perguntou:

– Não me ouviste?

– Ouvi! – respondeu-lhe, rodopiando nas ondas satisfatoriamente. Parecia uma borboleta esvoaçando com uma estranha alegria, quase exagerada. Ele abanou a cabeça, confuso. Amava-a. Desejava-a. Mas não conseguia perceber estas inconstâncias dela, que tão depressa parecia alegre como estava triste. Talvez a chave estivesse nessa palavra: parecia.

Samuel não hesitou. De um salto, levantou-se e correu para o mar. As ondas enormes temperavam-lhe a pele.

– Gostava que não me deixasses pendurado, sabes? – Exclamou ele, meio a brincar meio a falar muito a sério, enquanto mergulhava atrás dela.

Ela sorriu, desta vez era um sorriso genuíno. Como se a deixassem ser feliz por breves instantes.

– Joana, vá lá! Já não falas comigo há meses! Desde aquele dia que...

Os olhos dela ensombraram-se imediatamente. Aquele dia, não. Que não lhe falassem daquele dia. O sorriso desfez-se e ela saiu da água numa corrida. O mar, que escorria dos cabelos, disfarçava as lágrimas que teimavam em chegar.

– Bolas, – pensou ele, estático entre as ondas, – já fiz asneira outra vez.

E ficou a vê-la fugir da praia.

A noite caía depressa. Levantou-se, pegou nas suas coisas e afastou-se dos amigos que ainda estavam estendidos na areia. Tinha a bicicleta estacionada no pontão, à chegada da praia, e aproveitou para ligar ao irmão, em desabafo.

Pegando na bicicleta, disse-lhe ao telemóvel:

– Mas ela é tão fechada, já tentei, mas não consigo chegar até ela.

– Tens de ser paciente, não podes deixar esta réplica da Natalie Portman escapar-te assim tão facilmente.

Já a pedalar e com a toalha quase a cair, enquanto equilibrava o telemóvel entre a orelha e o ombro, ele respondeu:

– Eu sei, mas não dá para saber o que se passa na cabeça dela quando ela está comigo. Não consigo entendê-la! Passa da alegria à tristeza num segundo...

O irmão interrompeu-o:

– Claro que não consegues! Ela é uma mulher! Mas se tu deixares de ser tão tímido e te abrires mais com ela se calhar ela faz o mesmo.

*O meu nome é Samuel.
Estou na inquietude do: e depois?*

*Cada vez que durmo é sempre o mesmo. Sempre o mesmo cenário:
Um corredor escuro, portas trancadas pilares com desenhos bizarros,
eu não sei o que se passa.
Eu oiço gritos, melhor será dizer que oiço apenas
o grito de uma simples pessoa,
uma criança, não consigo dizer nem o género nem a idade.
Mas quando tenta alcançá-la sinto uma presença dentro de mim
que me faz perder as minhas forças.
Eu não sei o que é aquela presença
ou o que ela quer de mim, mas ao colapsar os gritos param por momentos
e oiço um respirar forte e pesado, e depois de algum tempo oiço o mesmo
grito, mas muito mais intenso e com uma maior agonia e então acordo.
O que raio se passa comigo?!*
Joana, Joana: a tristeza que escondes está a dar comigo em doido.

Eram 7:57 da manhã e Joana acordou com uma luz a cobrir-lhe a face, ainda que o céu estivesse cinzento. Com os olhos ensonados, arrastou-se, abriu a janela de casa e ficou a observar o que estava por detrás dela, indolente.

Uma senhora na rua despertou o seu olhar. Levava consigo um casaco e uma flor na mão, que Joana imaginou ser ter-lhe sido oferecida. Quando a senhora se virou, apercebeu-me que era a sua avó. Estremeceu, olhou melhor.

Não era, claro. Seria impossível.

“Tenho saudades dela desde aquele dia”, pensou, “Aquele fatídico dia”.

Não era só saudade o que sentia. Era uma dor enorme, uma culpa avassaladora. Por vezes, sentia-se angustiada, como se nunca mais pudesse ser feliz. Como se mais valesse terminar tudo.

“Outras vezes sinto-me assim: estranhamente calma por não conseguir. Por não conseguir fazê-lo por ti...”

Partir. Voltar a encontrar a avó, quase mãe, que a criou. Colou a cara ao vidro, embaciando-o com as lágrimas.

– Oh, avó... desculpa... – O facto de ter 16 anos tornava-a, aos olhos da lei, capaz de cuidar de si mesma agora que não tinha família. Ninguém para lhe amparar a queda. – Estou sem rumo, sem direcção. Sinto que não sinto quando não estás, é difícil entender o que sinto sem ti para me ajudar.

Todas as manhãs era o mesmo.

Custava tanto abrir a luz, fingir que estava tudo bem. Que o que sentia era apenas tristeza, apenas luto.

Joana vestiu-se, em piloto automático, e regressou à escola. Ontem tinha faltado outra vez. Ou talvez não, talvez tivesse sido fim de semana. Teria dormido demais? Pouco importava. Hoje ia vestir-se e regressar à escola.

Ouviu o silêncio luminoso da manhã que ecoou dentro de si como uma ave mansa.

Talvez Samuel hoje percebesse, talvez hoje a salvasse.

“Apenas ele me consegue tirar do escuro que é a minha vida”, pensou, enquanto avançava pelos portões, o cabelo a esconder os olhos cheios. Ouviu uma voz que parecia uma melodia para a sua alma.

– Hey, hoje não te vi na escola, está tudo bem?

Todo um sentimento de surpresa atravessou o seu ser, na esperança que esta preocupação e importância fosse sincera e recíproca.

– Nada, estava só cansada – respondeu ela com o desejo que ele a desmentisse. “Por favor, repara. Por favor, abraça-me. Vou quebrar. Oh, por favor...”

– Ah, está bem. – Anuiu o rapaz, voltando-se para se afastar. – Espero que amanhã estejas melhor.

De repente, sentiu-se como se um camião esbarrasse contra ela e a deixasse inconsciente.

Não.

Não era hoje que seria salva.

Estava na hora de voltar a vestir o sorriso.

– Eu... preciso de falar contigo, Samuel. – Comentou ela, fingindo casualidade. – Será que podíamos encontrar-nos no pontão, depois das aulas?

Ele acenou sem olhar para ela, com medo de responder seja o que for e assustar a borboleta.

– Saio às cinco. – disse Samuel, à laia de despedida. E entrou na sala.

Escusado será dizer que fez tudo menos concentrar-se nas aulas.

Precisava de aproveitar a oportunidade; talvez não tivesse outra, não era? As horas passaram e a cabeça dele só pensava no encontro, revendo mil vezes o filme do que podia acontecer. Teria de ser genuíno, interessante, seguro e disponível.

Muito bem, vamos a isso!

Quando chegou ao pontão, atirou com a mochila e abriu o livro que estava a ler.

Os olhos passavam as páginas, mas nada lia.

Estava à espera, sozinho junto ao mar. Só se ouviam as gaivotas a chilrear e a crocitar. Esperou horas, usando o casaco para se proteger daquele frio cinzento, mas ninguém aparecia. A Joana não aparecia.

Enquanto esperava por ela, deixou-se invadir de novo por aquela sensação de tristeza que o acompanhava sempre pensava nela. “Há algo escuro ali dentro. Algo que está a gritar para sair.”

A boca estava seca da ansiedade da espera, bebeu água para suavizar o sabor salgado que vinha do vasto horizonte de material líquido de cor azul cristalino. O mar sempre o acalmara, sobretudo nesta altura do dia em que o sol se punha e o frio se instalava.

Ouviram-se passos a aproximar-se. Samuel tentou não reagir, como se lhe fosse indiferente o atraso dela.

– Desculpa, distraí-me com as horas. Posso sentar-me ao teu lado?

Ele nada disse. Levantou os olhos do livro que estava no seu colo e acenou com a cabeça. Depois daquele breve momento, Joana sentou-se, inquietada com a sua misteriosidade. Se nada lhe tinha chamado a atenção até agora, ele chamou. Restava saber se era pelos movimentos com que passava as leves páginas do livro ou se pelo doce aroma que pairava à sua volta.

– Chama-se “Mil e um pecados” – disse ele com um pequeno sorriso na cara, enquanto se levantava, e guardava o livro na mochila – parecias interessada!

– Obrigada – não conseguia dizer mais nada, o frio que se sentia na barriga dela queimava em comparação com a temperatura exterior.

– O que me querias dizer?

– Eu... nada em concreto. É só que... – Joana calou-se e forçou um novo sorriso. Como dizer-lhe que precisava de ser salva? De ter alguém que lhe estancasse a alma. Como explicar-lhe que sentia que ele era a saída deste enredo que era a vida?

Samuel esperou em silêncio. O horizonte morno estendia-se a seus pés, a areia macia e quente, juntamente com o canto das aves marinhas, o rebentar das ondas e o agridoce cheiro da maré levavam quase todo o seu corpo a relaxar, a única parte teimosa é a sua teste fortemente franzida, que junta com os óculos imundos traduzem claramente o seu estado de espírito.

O entardecer estava quente: ela é que não. Olhou para o horizonte e apenas disse:

– É ali que a vida começa.

Ela irritou-se. Não queria saber de filosofias, não era capaz delas agora. Precisava que ele reparasse na sua dor, que a abraçasse. Mas ele não via a sua queda.

– Estou farta, sabes? – cortou ela. – Dizem que a vida começa todos os dias. Amanhã é um novo dia, está bem, mas para quem não vive que sentido isso tem?

Depois levantou-se.

– Falar contigo é como um grito no escuro. Murmuro com a esperança de que me oiças... – virou-se e começou a avançar pela praia, dizendo num tom falsamente animado, – isto foi má ideia. Está tudo ótimo. Esquece que pedi para falar contigo. Vemo-nos na escola.

E afastou-se com um sorriso, como se tudo estivesse bem.

Só que aquele sorriso era o último que tinha.

*Oh, Joana.
Todas as pessoas carregam segredos,
mas algumas não têm segredos,
carregam perdições.
A minha és tu.*

Eram sete horas, o despertador tocou e ela levantou-se apressadamente. Era o dia mais importante da sua vida. Último cartucho. Ia ser feliz à força, já que nada mais funcionava. Ia caminhar para a escola com o espírito leve, livre de toda a culpa e angústia. Por ela, pela avó, pelo Samuel. Era hoje.

Desceu a rua, aquela que era diferente das outras. Era a sua favorita, antiga, as pedras da calçada a refletir a luz, o piso escorregadio do orvalho da manhã, canteiros com tulipas presentes ao longo do passeio, que cheiravam e dançavam com o vento.

“Sim, sim! Consigo fazer isto”, pensou ela, apressando o passo. “É este o espírito. Vou convencer-me de que estou alegre.”

Inspirou fundo, absorvendo o mundo.

“Até consigo detetar à léngua os cachorros da roulotte do Sr. Rui e observar as vizinhas da minha avó reunidas na esplanada a beber o seu café, protegidas dos

raios solares pelos chapéus a discutir as recentes notícias. A minha avó não está com elas. Ela que era tão mãe, tão colo, tão chão. Tenho tantas saudades. Cada segundo longe dói, e apenas a ideia de nós sufoca.”

Naquela rua pigmentada com o verde das árvores e aquecida pelo amarelo do sol, ouvia-se ao longe a maresia.

Era verão, mas o dia escureceu.

Joana escureceu: vivia no inverno de novo.

Perdeu o controlo, a olhar nas vizinhas do café, tão alegres, tão vivas.

– Por favor, não vás... – murmurou, caindo ao chão de joelhos. – Não quero apenas a tua recordação, quero os momentos.

O dia estava perdido. Nem o facto de ver Samuel ali, na esquina da rua, a olhar para ela, a ajudou. Levantou-se. Tentou avançar, forçando o passo, mas era inútil.

Não conseguia.

Agarrou a árvore mais próxima com uma mão para ter a certeza que ainda ali estava e era real. Não conseguia respirar. Todas as tentativas de o fazer eram falhadas. Tudo o que via era nublado. E, por momentos, não sentia nada, o único som que ouvia era o da sua respiração pesada. Até que as memórias lhe batem como um comboio em alta velocidade, tudo volta num piscar de olhos. A raiva, a tristeza, o arrependimento, a mágoa, a desilusão, a solidão, o pânico, todos se juntaram num ponto de abrigo na sua cabeça e por mais que ela quisesse, não se iam embora: atropelavam-na.

Joana largou tudo. Samuel fitou-a, preocupado. As velhas vizinhas na esplanada olharam escandalizadas ao vê-la correr pela rua em direção à praia, ao mesmo tempo que se despia, largando a roupa e os sapatos pelo caminho.

Enterrou os pés na areia fria da manhã, correu para o mar e mergulhou de rompante.

Precisava de se sentir viva. E depressa.

A água gelada batia-lhe no corpo e, de um certo modo, relaxava-a. Perdia-se e baralhava-se nos seus próprios pensamentos, os quais acabava por descobrir não terem saída alguma.

Ele seguiu-a. Chegou trazendo a Primavera. A leveza das searas ondulava no cabelo. A esperança brilhava nos olhos verdes. Aproximou-se pela areia.

– Respira fundo... – disse-lhe, parado na rebentação das ondas. – Vai correr tudo bem.

– Pára, Samuel! Não me digas o que eu quero ouvir, palavras bonitas agora não me vão fazer bem. Não adianta vir com flores depois de tantos cravos que recebi no caminho. Não me digas o que eu quero ouvir porque eu realmente não quero partir, e, no entanto...

Ele olhou para ela. Tinha uma voz melodiosa que combinava com o aroma sutil e doce do seu perfume, mas estava cravada de dor. Samuel respirou fundo, descalçou-se e entrou no mar gélido.

Abraçou-a com força.

– O que quer que seja, sabes que podes contar-me. – Murmurou com intensidade.

Ela devolveu-lhe o olhar por um segundo e desviou-o. Fez-se silêncio. As ondas murmuravam e batiam-lhes no corpo, constantes.

– Sabes... sozinha na rua, confesso todos os meus segredos à lua, na esperança de que a avó os oiça.

Ele engoliu em seco. Preferia uma declaração de amor. Mas não comentou nada, não fosse assustar o momento. Ela prolongou o silêncio mais um pouco, antes de continuar:

– Não me consigo recordar de uma altura em que a tristeza não fosse constante e a dor sufocante. Não me recordo de uma altura em que sorrir fosse sem tanto esforço nem de uma altura em que não tivesse de vestir uma personagem que está sempre feliz para as outras pessoas. Será que isto alguma vez irá mudar? Só quero desaparecer.

Samuel apertou o abraço.

– Estou aqui. Não te julgarei. Conta-me tudo...

– Ouço sempre os gritos dela e sinto a sua presença, é algo inexplicável. As memórias boas desaparecem e só fica aquela... daquele dia... O facto de, após tanto tempo, ainda ser capaz de me lembrar do que aconteceu naquela sexta-feira como se fosse ontem... a culpa é toda minha!

O frio da madrugada entranhava-se nos ossos, as ondas fustigavam-lhes o corpo, mas nenhum parecia sentir.

– Foi um acidente... – exclamou ele, resolutivo.

– Não foi acidente nenhum. – Cortou ela, furiosa, entre lágrimas salgadas. – Lembro-me de cada segundo, cada pormenor. Era uma fria noite de inverno, a geada começava a cair tranquilamente, os nossos passos ecoavam inseguros ao longo da rua, as mãos da avó tremiam ao apertar o casaco contra o corpo débil.

Soluçou. Joana nunca tinha contado a ninguém o que acontecera. Mas agora

que começara não conseguia parar.

– Um homem aproximou-se. Agarrou-nos. Gritei... fui a única que conseguiu fugir das mãos daquele homem e chamar as autoridades. Ela ficou para trás... ele era repugnante, ainda o é. Quando a polícia chegou ele já tinha fugido e ela estava no chão... dizem que era só um assaltante, que o coração dela não aguentou, mas...

– A culpa não foi tua! Fizeste o que devias, foste chamar ajuda.

– Não devia ter fugido... deixá-la assim sozinha... – Joana enterrou a cara no peito molhado de Samuel. – Desejava que fosse eterna, pois não sei lidar com a saudade. Dizem que a minha tristeza terá um fim, ou foi o que me tentaram convencer. Porém, ela partiu e o inverno passou a ser a única estação.

Ele agarrou-a pela mão e, lentamente, puxou-a de volta à praia. O sol brilhava intensamente, aquecendo a areia fina. Conseguia-se sentir a brisa do verão a aquecer a alma.

– Não consigo, Samuel. Estou sempre no escuro, perdida por dentro de mim mesma. Não consigo mais. Não tenho família, não tenho casa... nem a mim me tenho, porque não me encontro. Estou tão vazia, tão perdida.

Samuel suspirou. O som de pássaros marinhos relaxavam a sua mente, soando como um embalo. Ele afastou o cabelo molhado da cara dela e olhou-a intensamente nos olhos. Era agora. Não podia ajudá-la se não se entregasse por inteiro.

Aproximou-se. Os lábios tocaram-se, primeiro de mansinho e depois revoltos, em tempestade. Abraçou-a como se pudesse, naquele aperto, consertar-lhe as mágoas.

– Deixa-me encontrar-te, Joana. Deixa-me ser a tua casa.

ESCOLA SECUNDÁRIA ANSELMO DE ANDRADE, *ALMADA*

Turma 10º A

Bernardo Nobre
Margarida Correia
Ricardo Gil
Sofia Lopes

Turma 12º A

Eva Pinho
Inês Gama
Isabella Baltazar
Madalena Rega
Rita Patrício
Ricardo Gil
Sofia Lopes

Professores

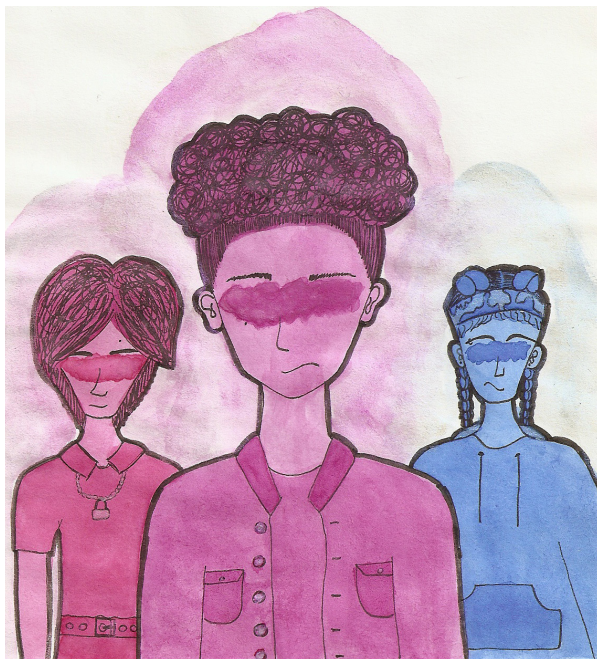
Cristina Botelho
Jorge Carvalho
Rita Neves
Vanda Cândido

Inês Barata Raposo Natural de Castelo Branco, venceu os prémios Branquinho da Fonseca Expresso/Gulbenkian e Tábula Rasa 2019 com o livro juvenil *Coisas que Acontecem* (ed. Bruaá, 2018). A mesma obra é recomendada pelo Plano Nacional de Leitura e integra o catálogo "White Ravens" da Biblioteca Internacional da Juventude.

Foi selecionada na categoria de literatura do concurso nacional Jovens Criadores em 2018. Tem contos publicados em diversas antologias.

Vive numa aldeia no interior de Portugal e trabalha como redatora publicitária.

CORO



A primeira coisa que precisam de saber sobre nós é que não interessa quem somos. Estas são as nossas histórias; num universo paralelo, poderiam ser as vossas. Há dias em que nos tranquiliza sabermos que somos todos personagens secundários no palco da humanidade. Noutros, sentimos que o centro de gravidade do planeta está incrustado no meio dos nossos pescoços. Fossemos borboletas, pensaríamos duas vezes antes de cada bater de asas.

Ressentimo-nos da filosofia, que nos dá apenas perguntas. Trincamos argumentos e desmontamos determinismos. Duvidamos da literatura, das canções de amigo e do amor romântico, cujo vermelho ou é paixão ou é sangue. No nosso mundo, mais vezes o vermelho é Benfica, ketchup ou cor primária. Tranquilos por não sabermos quem somos, para onde vamos ou que fazemos aqui, sabemos que nenhuma cábula resolve a matemática dos dias. Ontem fomos sonho de formiga, hoje somos humanos, amanhã folha em branco.

TAKE 1



Evito falar de mim, partilhar sentimentos e derivados. No bairro, aprendemos cedo o valor da informação. Muito do que sei preferia não saber: quem esteve até que horas na casa dos vizinhos, para onde vão os homens depois do jantar, o que dizem as mulheres enquanto esperam por eles. Depois, há tudo o que desconheço e cujo preço pago sempre que me deixo levar por ilusões: o que será feito do meu pai? Irá o meu irmãozinho respeitar-me quando crescer? Podemos escolher as nossas tias e amá-las como uma mãe? Não é algo de que se fale, porém suspeito que há outros como eu, num malabarismo constante entre respostas que não podemos dar e perguntas que não podemos fazer. Para além da música, é raro identificar-me com a versão do mundo que me querem servir. Sempre que me faltam palavras, agarro-me às barras. Agrada-me a ideia de que uma barra esteja para o *rap* quase como um verso está para um soneto. Parece-me adequado de uma forma meio errada.

*Eu cresci numa zona
Onde a paciência
Muitas vezes não funciona
Meias verdades
Fazem meia maratona
Mas o silêncio acaba
Por subir à tona*

A banda sonora para a caminhada até está escolhida. Hoje não há ostentação, riqueza e engates ao ligar os auscultadores. Depois de uma manhã de aulas sonolentas sobre tempos e vidas que nada me dizem, vou assumir o controlo e ouvir algo que me faça dizer: esta pessoa sabe do que está a falar, podia ser um dos meus irmãos, uma das caras que vejo todos os dias ao chegar à minha rua. Calha o primeiro artista ser um homem que chora às escondidas, que sabe dos “putos que vão de cana”, da comida que falta no prato, da criminalidade no bairro. Mas que também aprendeu com a família sobre a importância de ter princípios, não guardar ódio nem rancor, acreditar num mundo mais bonito. Isto tudo em três minutos e meio é mais terapêutico do que três semanas a tentar trocar palavras com mãe entre turnos extra e idas ao supermercado. Mais depressa desço a escada e bato à porta da Mena, a matriarca de todos no bairro.

No andar de baixo, a cozinha tem sempre bancos para sentar mais um, dois ou os que vierem. Nos dias em que a apanho sozinha, fala-me dos filhos, que saíram do bairro para longe da má vida, dos esquemas. Agora fazem parte do sistema, diz às mães dos outros com orgulho, como quem diz que há esperança. Não os cheguei a conhecer, são mais velhos que eu, ainda assim a Mena garante-me que nos íamos dar bem. Ao que parece temos todos o coração no sítio certo, à esquerda, “tal e qual a revolução que nos trouxe até aqui”. É uma jogada típica da Mena: fazer uma afirmação misteriosa, dando-nos apenas dois caminhos: fingir que sabemos do que está a falar, o que é arriscado pois não conseguimos continuar a conversa; ou pedir-lhe que nos conte com mais detalhe, o que acaba sempre em histórias épicas que atravessam o Atlântico. Aos poucos vou-me apercebendo deste jeito de nos obrigar a conversar sem fazer perguntas. No bairro, ser mãe de todos não é para todas. É por isso que

me custa tanto que os meus colegas façam verdadeiras confissões em público, seja nas aulas ou nas redes sociais.

Nas últimas semanas, toda a escola se deixou encantar por um perfil desconhecido que partilha tudo sobre a sua vida de sonho em HD: frigorífico cheio, roupa por estrear, vista para o parque, relva do quintal. Hoje a grande dúvida existencial que assombra esta pessoa é uma questão de estilo: “Queridos seguidores, ajudem-me que não sei que casaco hei de vestir.” Usa *hashtags* motivacionais, quer fazer-nos acreditar que ser vulnerável é um superpoder, nunca uma fraqueza. Eu digo que nem uma coisa nem outra; a vulnerabilidade é um privilégio que varia consoante o código postal. Num mundo onde as janelas têm grades e os telhados que são postos de vigia, nasci quase predestinado com um balde e uma espátula na mão, pronto para construir as muralhas invisíveis que me protegem. Havendo janelas, deixo-as bem altas, para que ninguém espreite de dentro para fora. A porta de entrada está escondida e reservada à família, aquela que não partilha o meu sangue, mas que sangra o dia-a-dia comigo. Um dia hei de sair, pôr à prova as vozes que me dizem que “vem por aqui” e mostrar-lhes que posso ir por ali sem esquecer o ponto de partida. Os filhos da Mena dizem-lhes que querem retribuir tudo o que o bairro lhes deu, assim que conseguirem aquele negócio, aquela oportunidade, aquela fortuna. Não os conheço, mas se cá viessem mais vezes implantava-lhes uma ideia, como os androides ao aprenderem as subtilidades da humanidade: em vez de retribuírem tudo, retribuam só o bom. Esse é o meu plano para um dia. Mas hoje é quarta-feira, a bateria do telemóvel está nos mínimos e tenho de acelerar o passo se quero chegar a casa com música nos ouvidos. Amanhã a *playlist* é outra.

TAKE 2



“Casaco preto ou blusão amarelo?” Ajudar *influencers* com a escolha da roupa do dia dá-me uma sensação de controlo, o que me tem faltado nestes dias. Depois de passar em revista o Twitter e exercer o meu direito ao voto em prol de um casaco preto, escolho a lista de músicas para o regresso a casa. Tenho a tarde livre e, se pedalar a bom ritmo, chego antes de toda a gente. Mais do que querer estar a sós, dou por mim a querer voltar atrás no tempo, antes de o abalo do desamor ter rachado os pilares da minha família. A banda sonora para a viagem até casa está pejada de músicas da infância - ouço em modo privado, claro. A nostalgia é um luxo que a adolescência ainda não permite. Só poderei regressar aos *hits* da Disney por volta da crise dos 25, e mesmo aí será de forma irónica. Isto, até me transformar numa pessoa séria da sociedade, com um trabalho e uma família, então a cultura pop dos anos 2000 será o meu porta-estandarte - a minha forma de dizer ao mundo que em tempos fui jovem e tive interesses para além de confirmar o saldo da conta bancária. Faça-me à ciclovia em modo bola demolidora.

Às vezes é preciso mandar abaixo para construir de novo. De cada vez que há estardalhaço lá em casa e a minha irmãzinha se queixa à avó, o casamento dos meus pais vira um estaleiro de construção civil. Por via de metáforas batidas, quer fazer-nos crer que os alicerces nunca foram muito firmes, que o projeto não foi bem traçado, que certas traves-mestras foram descobertas mais tarde, que as paredes cedo começaram a lascar, e que falta uma ponte para unir as duas margens. Certo é que o risco de colapso está lá.

Por motivos de sanidade mental, evito meter-me nesta conversa. Mas tenho uma teoria alternativa à da avó: o casamento desabou tão lentamente que ninguém reparou, o chão abriu-se e devorou o entulho; resta zero para construir de novo. É impossível censurar a minha irmãzinha por acreditar em finais felizes, apesar de ter uma vontade louca de lhe dizer o que sei sobre os pais. Respiro fundo, endireito o guiador e salto para a próxima a música. *"Sometimes mums and dads fall out of love / Sometimes two homes are better than one / Some things you can't tell your sister cause she's still too young."* Amem a Nossa Senhora Ordem Aleatória da Igreja Sagrada de Spotify Todo o Poderoso. Hoje o algoritmo está do meu lado.



Após vários ataques de ansiedade e outras tantas sessões de terapia, fiz as pazes com o facto de viver nos destroços de um casamento. Um gesto dos pais do Lopes denunciou esta realidade. Estávamos a fazer um trabalho de grupo e, na hora do lanche, encontramos os pais do nosso amigo, encostados à bancada. Os dois cantarolavam enquanto intercalavam folhas de alface e fatias de fiambre nas nossas sanduiches. Do nada, a mão do Sr. Lopes pousou muito leve no ombro da Sra. Lopes, seguida pelo que só consigo descrever como uma marradinha à gato, testa com testa, só ternura. Num primeiro momento senti que ia vomitar de raiva. A inveja de ver que o Lopes vivia numa casa com chão, paredes e teto robustos. Enfim. As ondas de tristeza nascem para ser surfadas, não para afogarmos os nossos amigos nelas. A culpa não era do Lopes.

Nunca vi os meus pais de mão dada, aos beijos ou sequer a trocar daquelas apalpadelas que envergonham toda a gente em redor. Vi mãos afastas no último segundo, vários abraços e estaladas daquelas que fazem eco em bochechas alheias.

As discussões, na verdade, são cada vez menos. Do mesmo modo que os gestos desaparecem, também as palavras se esgotam. Se sobrevivi ao terror das trincheiras - com pratos a voar, como nos filmes -, não hei de ser uma baixa em plena Guerra Fria. Vivo com dois adultos-fantasmas, que me dão alojamento, internet grátis e stock ilimitado de lasanhas congeladas do Lidl. Jogo as minhas cartas e pratico a arte das retiradas estratégicas. O *modus operandi* é simples: fazer os trabalhos de casa, ajudar nas tarefas e não levantar ondas. Assim esquivo-me à frente de batalha.

As quartas-feiras, como hoje, são fáceis. Almoço na escola, pedalo a toda a velocidade, e durante duas horas tenho o castelo todo para mim. Acontece perder-me a olhar para as nossas caras nas molduras empoeiradas. Às vezes, passo os olhos pelo álbum de família esquecido na mesinha da sala. Vou ao quarto deles - que na verdade é o quarto da mãe; o pai mal dorme em casa - e abro o roupeiro. Tiro um dos vestidos de verão da mãe e o fato das entrevistas de emprego do pai, estico um de cada lado sobre a cama ainda e deito-me no meio. Finjo que o candeeiro do teto é uma câmara fotográfica das antigas, puxo as mangas das roupas para perto de mim e sorrio. *Click*. Somos de novo uma família feliz.

TAKE 3



“Para pessoas que sabem o que querem.” Como se fosse fácil. Como se alguém soubesse. Não sei por que motivo continuo à procura de sinais nos anúncios do metro. Será que esta gente percebe que a vida é mais do que um desfile de escolhas. Abrigo-me no telemóvel no caminho até casa; online, tenho quem me ajude com as decisões mais inócuas. É um alívio que os meus seguidores escolham a roupa que visto, é menos uma decisão a tomar. As águas profundas da identidade são tão difíceis de navegar, que me agarro ao que tenho: perguntas, looks do dia, tutoriais de maquilhagem, frases motivacionais e artigos sobre identidade de género. Tudo no embrulho bonito das redes sociais, num perfil com a curadoria perfeita, sem vestígios da vida dupla que levo-o eu *digital* a rir-se nas barbas do *eu real*.

Esta manhã, enquanto experimentava o casaco preto, o mais votado na última sondagem do blogue, não me reconheci ao espelho. Sei que parece grave, mas não acho que haja grandes motivos para alarme. Tenho-me sentido muito assim, como uma tira de pasta de dentes na ponta da escova. Não é azul, nem vermelha, nem branca. Contudo, não deixa de ter essas três cores. E para piorar, depois de algumas esfregadelas e bochechos, fica uma espuma rosada sem vestígios das cores que tinha a princípio. Será que é essa a verdadeira natureza da pasta ou ficará assim apenas por ter sido amassada durante a escovagem? É claro que isto tem muito pouco a ver com higiene oral e tudo a ver com o que a tia Salete costuma chamar “as dúvidas normais da adolescência” em conversas sussurradas, ao telefone, com a minha mãe. Ambas se consideram as rainhas da discricção, porém os interrogatórios a que me sujeitam nos almoços de família não têm nada de inocente. Por vezes, perguntam-me pelos meus atores e atrizes favoritos - querem saber que poster ficaria melhor na parede do meu quarto. Tentam agarrar-se ao que têm, a qualquer pista que as deixe espreitar para a caixa de linhas e botões emaranhados que é a minha cabeça. Outras vezes, as perguntas são tão insossas que mal dá para perceber se parte de um plano maior. “Esta cor fica mesmo bem à tua irmã, não achas?” ou “Então, como que está o nosso Benfica?”. Ainda tenho muito para aprender sobre os métodos de espionagem sentimental passados de geração em geração.

O dia até começou tranquilo, o casaco que escolheram para mim não me pesou. Sobrevivi a uma manhã de aulas e a um teste. Apanhei o metro à hora certa e consegui um lugar à janela - a viagem até casa ainda é longa. Todavia, o anúncio apanhou-me de surpresa. “Pessoas que sabem o que querem.” A sério? Mensagem para o Cosmos: se é para enviarees sinais destes, mais vale estares calado. É a velha história das caixinhas em que nos querem meter, desta feita em formato A3 com um plano de crédito imperdível. De um lado do cartaz, uma mulher sorridente com batom vermelho e sapato alto; do outro, um homem confiante com fato completo e relógio de ourives. É isto ou aquilo, para a menina e para o menino. A publicidade a reduzir a vida a gelataria com um balcão sem-fim na qual só podemos escolher dois sabores. Morango ou baunilha, sem misturas e para sempre. Quem quiser uma amostra de outro sabor tem de estender bem alto a colher de plástico transparente e justificar-se perante o júri dos bons costumes. O mesmo para quem não quiser sabor

nenhum, quiser os dois ao mesmo tempo, ou achar que há mais formas de aproveitar o gelado para além do copo ou do cone. E sim, admito, oscilo entre desconfiar das pessoas que sabem o que querem e querer ser uma delas. É uma conversa que hei de ter com os meus pais, mas para a qual tem sido difícil encontrar coragem. Se ao menos houvesse uma forma de saber que falar com ele era o caminho que a Fortuna queria que eu seguisse...

Bem, admito que foi assim que, sem querer, dei por mim à procura de um sinal no caminho para casa, com uma certeza apenas: precisava de falar com alguém em carne e osso, desligar dos tweets confessionais e do apoio dos meus seguidores. A única forma de me sentir na minha pele em casa é abrir a caixa onde guardo o medo de me expor. O metro encheu. Uma rapariga da minha idade segura-se ao corrimão, traz um saco de pano com todas as cores do arco-íris. Seja este o meu sinal, já estou por tudo. Começo a traçar um plano para quando chegar a casa. O mais importante é não ligar a net, zero distrações enquanto não falar com eles.

Entro em casa e ligo a net. Eis como fazer um plano falhar em plena fase de aquecimento. Tenho uma mensagem privada: “@lov4bites, não me conheces, mas quero que saibas que te sigo há muito tempo e admiro a tua coragem em seres quem és. Tens me ajudado muito a lidar com problemas em minha casa. Continua a espalhar magia. Thankz!” O sinal demorou, mas chegou. Por fim, sei o que fazer. Torno pública a minha conta no Twitter e envio o link por Whatsapp para os meus pais. Consigo ouvir o *ping* da notificação vindo da sala, estou em pedra. Vejo as duas setinhas passarem de cinzento a azul. Passam-se vários minutos, ninguém responde. O pai e a mãe entram na cozinha, esbarracham-me num abraço e choram um bocadinho. Eu também choro, mas não é um bocadinho. Depois rimos que nem loucos até ficarmos exaustos. O peso desaparece. Continuo sem ter certezas, mas desta vez sou eu que lhes digo “vai ficar tudo bem”.

ESCOLA SECUNDÁRIA CACILHAS TEJO, *ALMADA*

Turma 10º D

Aidiana Cristiano Mendes Datupe
Daniela Alexandra Gomes Nunes

Turma 10º H

Alexandra Sofia Catanho Silva
Ana Luísa Afonso Carpinteiro
João Manuel Ramos Santos
Madalena Graça Pereira
Osvaldo Gomes da Silva Neto
Teo Pescador Ruas
Gabriel Rodrigues Gonzaga Medeiros

Sandra Carvalho nasceu em Sesimbra, numa rua antiga virada para o mar. Cedo o seu amor pelos livros a conduziu à descoberta de novos mundos, que inflamaram a sua imaginação e a incentivaram a escrever. Hoje é uma das autoras portuguesas mais conceituadas do romance fantástico, com doze livros publicados pela Editorial Presença, um dos quais traduzido para castelhano e publicado no México pela Ediciones B, da Penguin Random House. A sua escrita, feita de emoções, destaca-se pela capacidade de transportar o leitor para dentro das histórias, fazendo-o visualizar as cores e sentir os cheiros e os sabores, ao mesmo tempo que o deslumbra com a autenticidade das suas personagens. Em 2019, Sandra Carvalho foi distinguida pela Associação Mulheres Empreendedoras Europa & África, na categoria Literatura.

O MAIOR AMOR DE TODOS

Lembro-me bem daquele dia. É impossível esquecê-lo. Deixara para trás a minha terra, a minha casa, os meus amigos... Sentia-me miseravelmente infeliz! No banco da frente do carro, o meu pai ia calado, sem tirar os olhos da auto-estrada. A minha mãe debruçava-se para trás, estraçalhando-me a paciência, repetindo pela milésima vez com um entusiasmo forçado: “Vais adorar a casa nova! E não te preocupes, pois não tardarás a fazer amigos. Os nossos vizinhos têm uma filha da tua idade, gira e simpática...” *Sim*, pensava eu com desdém. *E ela vai adorar conhecer-me, porque eu sou o sonho de qualquer rapariga!*

De súbito, um estrondo como uma explosão... E um dos carros que seguiam mais à frente despistou-se e capotou. Foi tudo muito rápido, mas distingui uma coisa preta a voar para longe. Então, o caos abateu-se sobre nós, enquanto o meu pai pisava o travão. Cerrei os olhos e parei de respirar, estrangulado pelo cinto de segurança. Escutei o ruído ensurdecedor dos pneus a derraparem, fundido com os guinchos do metal, e apercebi-me de que o carro girava. Depois, um silêncio tenebroso tomou conta da minha percepção. Questionava-me se estaria morto, quando a minha mãe bradou aflita: “Sebastião, querido... Estás bem?”

A raiva que sentia, por eles me terem imposto uma mudança de vida tão brusca, diluiu-se num abraço apertado. Escapáramos ilesos, graças à habilidade e à calma do meu pai. Infelizmente, outros não tiveram a mesma sorte! A polícia chegou rápido, mal recuperáramos o fôlego. Sucedeu-se um aparato de veículos de socorro. Vários carros tinham chocado na sequência do primeiro acidente, mas, devido às ordens que recebêramos para ficar na viatura, desconhecíamos a dimensão da tragédia. A minha mãe vigiava-me como uma ave de rapina, receosa de que eu fosse acometido por um ataque de pânico. Há muito que isso não acontecia, mas o psicólogo avisara que uma situação extrema poderia despoletar um novo episódio... E aquela era uma situação extrema! No entanto, contra toda a lógica, o medo não me subjugou. Um agente veio recolher os nossos dados, e eu nem gaguejei ao avisá-lo de que vira algo a ser projetado do carro. Ele tomou nota e mandou-nos seguir viagem. Ao passarmos pelas ambulâncias, a minha mãe suplicou-me que não olhasse. Obedeci sem protestar. Nunca, como nesse instante, a expressão *carpe diem* me fez tanto sentido.

Na casa nova, o meu quarto possuía espaço de sobra para os meus livros e jogos, e enchia-se de luz logo pela manhã. Porém, tais benefícios não compensavam o sacrifício de enfrentar uma escola fria e hostil, comparada com a escola acolhedora que fora obrigado a abandonar para que os meus pais ficassem mais perto dos respetivos empregos. Mal entrei pelo portão, dirigi-me à biblioteca, desejoso de minimizar o meu desconforto. Seria lá que encontraria os meus “futuros amigos”. Frustrado, descobri que não havia um clube de leitura na escola. Isso dizia muito acerca dos “nativos”, com quem eu teria de conviver nos próximos dois anos.

Regressei ao pátio, a remoer. O espaço enchera-se e todos me miravam como se eu fosse uma mosca que lhes caíra na sopa. Forcei um sorriso, mas ninguém sorriu de volta. Ainda faltava muito para o toque de entrada. Encostei-me ao pavilhão, e assisti às brincadeiras dos rapazes e das raparigas que se reuniam em grupos. Continuei sozinho. Na minha antiga escola, teria sido o primeiro a dar as boas-vindas ao aluno recém-chegado. Aqui não havia ninguém disponível para me saudar; ninguém interessado em perguntar o meu nome. Baixei a cabeça e a minha franja caiu, ocultando-me o rosto. Sempre que espreitava por detrás dessa cortina longa e escura, acudia-me uma sensação de segurança, como se os meus cabelos tivessem o condão de me tornar invisível. Era um gesto instintivo de defesa... Uma perfeita parvoíce, porquanto alguém alto como eu jamais passaria despercebido!

O tempo foi-se arrastando penosamente... Até que a vi. Também estava sozinha, mas por opção. Os colegas tentavam levá-la consigo, mas ela resistia. O seu entusiasmo pelo livro que segurava, como se de um tesouro se tratasse, iluminava-lhe as faces sardentas. Era ruiva... Linda como uma deusa! Uma deusa com um livro! *Um oásis no meio deste deserto árido!* Dei um passo na sua direção... Então, nas minhas costas, uma voz jocosa estridulou a cantiga: “Sebastião come tudo, tudo, tudo. Sebastião come tudo sem colher...” Não era possível! Após tantos anos... Virei-me devagar, com as entranhas a atarem nós sobre nós. O Batman tem o Joker. O Homem-Aranha tem o Duende Verde. O Super-Homem tem o Lex Luthor... E eu tenho o Dinis Costa! Abri a boca, estupefacto, sem acreditar que ele estava à minha frente. Mas, antes que pudesse emitir um som, já uma das suas manípulas me puxava a camisola e a outra se fechava, direto ao meu ventre.

Frequentáramos a mesma turma no segundo ciclo. Nesses anos, os piores da

minha vida, não houvera um dia em que o Dinis não me humilhasse. Ele era o craque do futebol; eu era o miúdo gordo que se divertia a ler. Comecei a usar lentes de contacto depois de ele me partir os óculos. Está claro que disse aos meus pais que os partira porque caíra da bicicleta! A minha querida bicicleta servira amiúde para justificar as nódoas negras no meu corpo, até ao dia em que a minha mãe me proibira de andar nela por ser “distraído e desastrado”, e a oferecera a uma instituição. Não, nunca contei aos meus pais que era o saco de pancada do Dinis. Só quando os meus ataques de ansiedade surgiram, é que eles suspeitaram que eu era vítima de *bullying*. Contudo, por essa altura, os pais de Dinis decidiram emigrar, e eu não mais ouvira falar da besta... Até agora! Nesse instante, vergava-me à mercê da sua força e, embora ele só tivesse encostado o punho ao meu estômago, simulando o murro, eu sentia uma dor real, consequência das recordações terríveis que me assombravam. “Sebastião é um grande barrigudo... E é por isso que é tão fixe lhe bater!”, cantarolava o energúmeno, incentivado por um coro de gargalhadas. Engoli as lágrimas que me subiam aos olhos. Não ia sucumbir ao pânico! Dinis já não era muito mais forte do que eu! Enchi-me de coragem e libertei-me com um safanão. Irritado, ele investiu com dobrada sanha... Dessa feita, o murro seria implacável!

“Tudo bem, Dinis?” A voz de uma rapariga fê-lo desviar-se à pressa, e o seu punho falhou o meu nariz por milímetros. Desatou a saltitar, lançando socos para o ar como se estivesse a treinar boxe, e respondeu: “Claro que sim, Rita! Estou só a brincar!” As minhas faces quase explodiram de vergonha perante a deusa ruiva. Ela alargou o sorriso e inquiriu com candura: “O tipo novo é teu amigo?” Dinis atrapalhou-se: “Não! Achas que eu sou amigo deste «luzer»?” A deusa fixou-me e voltou num tom crítico: “De facto, alguém tão ignaro como tu jamais seria amigo de um *loser*!” Quedei-me, pasmado. Além de lhe corrigir o péssimo inglês, ela ainda o afrontara? Porém, Dinis ria e os serviços amigos batiam-lhe nas costas, esbanjando os louvores da praxe. O toque para a entrada ecoou e eles afastaram-se. A deusa encarou-me. “Para teu bem, espevitá-te depressa!”, exclamou, reprovadora. Vi-me compelido a agradecer, mas ela virou-se, desinteressada. Apelei: “Espera... O Dinis ficou contente por lhe chamares ignaro?” Rita parou, admirada por eu a ter compreendido. “O morcão acreditou que eu estava a elogiá-lo... Aqueles imbecis desconhecem a existência de dicionários. E ainda bem! Assim, posso dar asas à imaginação e insultá-los à vontade.” *E pronto*, pensei. *Estou apaixonado!*

Uma funcionária interrompeu-nos e mandou-nos para as aulas. Que pena Rita não ser da minha turma... Raios, se não corresse ia levar falta! Galghei as escadas do pavilhão, a deitar os bofes pela boca e a repetir: *O Dinis não pode estar na minha turma...*

“O Dinis Costa está na minha turma”, resmunguei, quando a minha mãe indagou sobre o meu dia. Ela puxou pela memória e sorriu. “Não sabia que os Costa tinham regressado de França. Estão a viver aqui? Que bom! Vês? Já tens um amigo na escola!”

Apeteceu-me gritar. Às vezes, tinha a impressão de que os meus pais não sabiam nada acerca de mim... Nem se esforçavam por saber! A minha mãe não podia adivinhar que o Dinis me infernizara no passado, mas deveria perceber, pela minha cara carrancuda e o meu tom infeliz, que aquilo não era uma boa notícia. Porém, já mudara de assunto. “Fui prestar depoimento sobre o acidente na auto-estrada... No carro que capotou, ia um casal com a filha. Os pais faleceram e a jovem está internada no hospital.” Senti-me mal ao recordar o susto que apanháramos. Já no meu quarto, para me distrair, pus-me a pensar na deusa ruiva. Que livro estaria a ler? Tomara que fosse um dos meus preferidos! Assim, teria o ensejo de fazer boa figura quando conversasse com ela. Não obstante, ao deitar-me, a lembrança do acidente tornou a perturbar-me. Murmurei uma oração pela salvação da rapariga que estava no hospital, e isso apaziguou-me um pouco. Depois de terminar, adormeci.

A turma reunira-se, a aguardar pela professora de Português, e Dinis não se fartava de me atormentar. “Abram alas para Sebas, o sebosos que devora banha ao pequeno-almoço!” Os seus adutores gargalharam, mas alguns colegas torceram os olhos, enfadados. Afinal, talvez houvesse gente simpática entre aquela amálgama de idiotas! A professora chegou, sorridente, e pôs fim ao alvoroço. Mal nos sentámos na sala, expôs a razão do seu entusiasmo: “Este ano, irei dar-vos a oportunidade de fazerem um trabalho sobre um livro do qual gostem... Qualquer um, à vossa escolha!” O aborrecimento de uns misturou-se com os aplausos de outros. Eu fiquei satisfeito, até ela revelar em tom de gracejo: “Para vos deixar ainda mais felizes, a apresentação será oral!” Trocaram-se olhares de indignação e de horror. Depois, os protestos troaram em uníssono, até a professora cortar: “Se continuarem a expressar a vossa «alegria», vou

acrescentar mais «ideias criativas» ao projeto!" Num piscar de olhos, o silêncio engoliu a sala. Aquela professora era porreira, mas transformava-se numa fera quando se irritava. A aula começou e, aos poucos, todos pareceram esquecer-se da incumbência... exceto eu!

Uma apresentação oral... Não me faltava mais nada!, cismeí assustado, com o estômago às cambalhotas. Baixei a cabeça para que a franja me ocultasse o rosto.

Como é que eu vou falar diante de tantos estranhos? O Dinis irá gozar comigo até o Sol gelar!

Só percebi que a professora já me chamara diversas vezes, quando estridulou o meu nome.

Encarei-a com uma rapidez temerosa, e deparei com o seu olhar zangado. "Queres explicar-me o que é mais importante do que a lição, Sebastião?"

Desejei ardentemente que um buraco se abrisse no chão e me engolisse. Tentei desculpar-me, mas tinha a língua presa. De súbito, ela determinou: "O Sebastião será o primeiro a fazer a apresentação..."

E quem mais achar que não vale a pena estar atento à minha aula será a seguir." O meu coração

contraíu-se e o fel queimou-me a garganta. Nauseado, deduzi que estava prestes a sofrer um ataque de pânico. Felizmente, a campainha soou nesse instante. Saí desembestado da sala. Se não me afastasse de tudo e de todos, seria incapaz de me controlar.

Corri e corri, até esgotar as forças, possuído por uma angústia sufocante, totalmente desorientado. Recuperei o discernimento num descampado, já longe da escola. Recobrava o ar quando uma rapariga surgiu. "Sebastião, vem depressa!" Fixei-a, abismado. Aparentava a minha idade e era bonita, com cabelos pretos compridos, e olhos verdes realçados pelo alvoro do seu vestido. Como sabia o



meu nome, se eu não a conhecia? “Vem! Só tu podes salvá-lo!” O seu desespero persuadiu-me a acompanhá-la. Disse que se chamava Maria... E não houve tempo para mais. À nossa frente, encolhido sob os ramos ressequidos de um arbusto, encontrava-se um cão pequeno, bastante maltratado. “Que miserável é capaz de fazer isto a um animal?”, desabafei horrorizado. “Ajuda-o, por favor!”, rogou Maria, explicando que não conseguira agarrá-lo. “Precisamos levá-lo a um veterinário”, concluí.

O ganido do cão soou fraco quando lhe toquei. Tinha uma coleira bonita, com *Toy* escrito, por isso devia ter dono. Achei que era o nome perfeito para aquele peluche preto, com uma mancha branca por cima do nariz. “Calma, *Toy*”, murmurei ao pegar-lhe, receoso de que me mordesse. Porém, apesar da dor, os seus olhos negros fitaram-me com gratidão ao aninhar-se na proteção dos meus braços. “Há um veterinário aqui perto”, urgiu Maria. E regressámos às ruas da cidade, com ela a correr à minha frente, veloz como uma chita. As pessoas olhavam-nos com curiosidade, mas ninguém se incomodou a oferecer-nos ajuda. Dobrei uma esquina e deparei com a porta do veterinário... Mas onde estava Maria? Teria entrado? Não. Confuso, entreguei o cão à enfermeira e apressei-me a telefonar à minha mãe.



Toy não possuía chip de identificação, por isso seria impossível encontrar o seu dono se este não o procurasse. Estava faminto e desidratado, tinha várias costelas partidas e perdera imenso sangue. O veterinário opinou que ele fora

atropelado e, em choque, correria sem rumo até a exaustão o prostrar. Mais umas horas sem receber cuidados e teria morrido. A minha mãe comoveu-se ao vê-lo, e aceitou acolhê-lo até que ficasse curado. “Mas se o dono não aparecer, teremos de o entregar a uma associação para que outra família o adote. Sabes que o pai não gosta de animais!” Não falei sobre Maria, para que a minha mãe não se abespinhasse por ela ter fugido à responsabilidade... De qualquer modo, provavelmente não tornaria a vê-la.

A semana estava a terminar e Dinis continuava a fazer-me a vida negra. Ninguém da turma se atrevia a falar comigo, com medo de represálias. Rita acenava-me às vezes, mas eu não mais me aproximara, receoso de que Dinis me amesquinhasse à frente dela. A última aula era de Português. Entrei nervoso, pois a escolha do livro para apresentar na próxima semana estava a ser difícil. Deveria ser um que abordasse um tema cativante, que me permitisse conquistar uma boa nota. Sentei-me ao fundo da sala, na esperança de que a professora não reparasse em mim. Estava ansioso por chegar a casa e brincar com *Toy*... Finalmente tinha um cão, algo com que sempre sonhara! Porém, essa felicidade sustinha-se por um fio. *Toy* estava quase curado e o meu pai mantinha-se irredutível na decisão de o entregar a uma associação. Curiosamente, talvez porque *Toy* pressentia que o meu pai era o líder da sua “nova matilha”, seguia-o para toda a parte com um olhar de adoração. Sem nenhum resultado positivo, para meu desgosto e já confessada pena da minha mãe.

A aula nunca mais acabava! Olhei para o pátio, impaciente, e o meu coração acelerou ao ver Rita sentada num banco, a devorar as últimas páginas do seu misterioso livro. Eu ainda não descobrira... “É o *Harry Potter e a Pedra Filosofal*”, disse uma voz doce, do outro lado da janela. Sobressaltado, inclinei-me para averiguar quem me “lira a mente”, e quase gritei de susto ao deparar com Maria. De repente, o meu nome ecoou-me aos ouvidos, numa arrepiante sensação de *déjà vu*. Os meus olhos viraram-se para a professora, como um metal atraído por um ímã poderoso. “Qual é o livro, Sebastião?” Atordoado, respondi: “*Harry Potter e a Pedra Filosofal*...” Os rapazes desataram a rir. “Silêncio!”, ordenou a professora, arrematando: “De acordo. Será uma apresentação interessante.” “O quê? Não... Não!”, apavorei-me, ao inferir o que estava em causa. “Estás a brincar comigo, Sebastião?” O tom exasperado da professora gelou-me. “Desculpe...” E calei-me. O meu destino estava selado.

Isto não me está a acontecer!, afligi-me, parado diante da montra da livraria. Estava roxo de vergonha só de pensar que tinha de comprar o maldito livro... Morreria quando fosse apresentá-lo à turma! "Alegra-te, Sebastião! Não há nada melhor do que uma história fantástica para estimular a imaginação... E é a imaginação que alimenta os nossos sonhos, e nos permite criar coisas originais e maravilhosas!" Encarei Maria, atónito. Ela tivera a desfaçatez de me seguir até ao centro comercial para me dar sermões? "Pois eu detesto fantasia! E, por tua culpa, vou ser obrigado a ler uma história ridícula para meninas!" O meu resmungo fê-la replicar: "Que culpa tenho eu de teres escolhido o livro que a Rita anda a ler?"

Entrou na livraria. Contrariado, fui atrás dela. Esperei até ficarmos sós, para que mais ninguém me visse a comprar aquela tolice. O empregado, que já devia achar que eu pretendia assaltar a loja, lançou-me um olhar pouco amistoso quando pus o livro no balcão. Atrapalhado, titubeei: "Não é para mim! É para oferecer... à minha irmã!" Apontei para Maria. Ai dela que me desmentisse! De soslaio, vi-a acenar em confirmação, mas o sujeito continuou a mirar-me, como se ela fosse invisível e eu fosse doido. Assim que saímos, Maria desatou a rir. "Fizeste figura de parvo!" "Ou o livro é péssimo, e o rapaz estava a gozar comigo", remoí. Ia perguntar-lhe porque me deixara sozinho no outro dia, quando apontou em frente. "A Rita está ali!" A adrenalina envenenou-me o sangue. Quis escapulir-me, mas a deusa ruiva já se aproximava com outra rapariga. "Olá, Sebastião! Esta é a Beatriz." Controlei os nervos e virei-me para o lado. "E esta é a..." Calei-me, aturdido. Maria sumira outra vez! Mas que raio?! Rita estendeu-me um dos folhetos que andavam a distribuir. "Amanhã vai haver um espetáculo de música e dança no cineteatro. Nós iremos participar." Depois de elas se irem embora, ainda procurei por Maria, mas, mais uma vez, ela abandonara-me sem nenhuma justificação.

Entre no cineteatro deseioso de mostrar à minha deusa que viera apoiá-la. A minha mãe acompanhava-me, pois o meu pai tivera de trabalhar. Não tardou a meter conversa com outras senhoras... Quem me dera possuir a sua habilidade inata para fazer amigos! O auditório era agradável. As luzes apagaram-se e o palco iluminou-se. As gargalhadas sucederam-se com a peça apresentada pelo grupo de teatro. Seguiu-se um número de arte circense. Depois, cantou-se o fado. Um mágico espalhou encanto... "Estás a gostar?" Espantei-me ao ver Maria

sentada nas escadas, ao meu lado. Era incrível, mas não conseguia zangar-me com ela! “Muito”, respondi. “Que bom, Sebastião! A Rita é a seguir...” No palco, o mágico despedia-se. Virei a cabeça para as escadas, mas, para variar, Maria já lá não estava. Esqueci-a num ápice, pois a minha deusa fez a sua aparição, com os cabelos ruivos a flamejarem... Deslumbrante!

“Boa noite”, saudou ao microfone. “Hoje terei a honra de cantar *The Greatest Love Of All*, da diva Whitney Houston. Mas antes, irei partilhar convosco um texto que escrevi, inspirado nesse tema. Para ser original, chamei-lhe *O Maior Amor De Todos*.” O seu gracejo arrancou risos gentis da assistência... Quem era essa Whitney? A minha mãe parecia saber... Ponderei abrir a Wikipédia, mas desisti, pois Rita já declamava: “Entrei no vosso mundo com o coração aberto e um sorriso nos lábios... Porém, vós repudiastes a mão que estendi e troçastes da minha voz. Que magníficos sois, caros senhores, altos como gigantes, sábios como deuses! Do topo da vossa soberba, escavastes rios profundos ao meu redor, erguestes montanhas à minha frente, incendiastes a terra sob os meus pés... Não obstante, aqui estou! Cheguei ao meu destino, exausta, mas muito orgulhosa de mim. Desenganai-vos! O vosso desdém não me fere; só me dá mais força... Porque o caminho espinhoso que percorri ensinou-me que o respeito e a estima que um ser humano nutre por si próprio é o maior amor de todos... E agora, o maior amor de todos arde como uma esplendorosa fogueira dentro de mim!”

Os aplausos estilhaçaram o meu pasmo. Rita expressara-se como se aquele fosse o seu desabafo de superação, após uma discriminação! Começou a cantar... E que linda voz tinha! Deixou a sala debaixo de uma enorme ovação. Eu ainda me debatia com a confusão, quando um grupo de raparigas subiu ao palco para dançar ao som de *Jenny of Oldstones*. Beatriz era quem mais se destacava... até Maria entrar. O meu queixo pendeu, ao vê-la mover-se entre as demais com uma graciosidade insuperável. Girava, saltava, corria e rodopiava... deslizava no ar, com o vestido branco a exaltar a leveza dos seus movimentos. Estaria presa a um cabo? A ilusão era tão magistral que parecia voar! A dança terminou e eu aplaudi com ênfase. Se tivesse de eleger a melhor prestação, Maria ganharia. Rita fora fenomenal... Maria fora perfeita!

No regresso a casa, a minha mãe louvou o desempenho de vários artistas, incluindo Rita. Admirei-me por ela não mencionar Maria, mas calei-me para não ter de contar como a conhecera. Mal podia imaginar que a noite ainda

me reservava o mais fabuloso dos prodígios! Já em casa, surpreendemos o meu pai profundamente adormecido no sofá... abraçado a *Toy*! Fixei a minha mãe, abismado, e ela abriu um grande sorriso. Aquilo só podia significar que o cãozinho conquistara o coração do meu pai! Senti um alívio e uma alegria descomuns. Após quase ter morrido, *Toy* encontrara uma família que o amava... *Toy* ia ser muito feliz!

No domingo, os meus pais saíram para passear. Eu fiquei em casa para iniciar a leitura do *Harry Potter*... Só que mais alegremente daria uma martelada num pé! No quarto, aborrecido, pus-me a recordar a excelente *performance* da minha deusa. Era bom saber que Rita também bebia inspiração da música. Eu só resistia às provocações de Dinis porque fechava os ouvidos e trauteava, dentro da cabeça, as minhas "canções de guerra", que me ajudavam a ultrapassar as dificuldades. Pus uma a tocar e distraí-me a dançar... Até que, numa reviravolta, deparei com Maria a observar-me, trocista. O meu berro de susto fundiu-se com o seu riso. "Não quero ser desmancha-prazeres, Seby, mas tens um livro para ler!" "Como entraste aqui?", perguntei afastando a franja da cara. Maria apontou para a janela aberta. "Posso ver o *Toy*?", suplicou. "Antes, vais explicar-me porque estás sempre a sumir", encrespei-me. "É complicado... Eu estou sozinha, Seby! A minha família está longe... Por favor, não te zangues!" Era loucura, mas ia jurar que Maria irradiava luz! Perdi a vontade de questioná-la. Abri a porta e *Toy* entrou aos saltos, louco de alegria. Contei a Maria que o meu pai já confirmara que aquela bola de pelo adorável se tornara um membro da família. Ela regozijou. "Estou feliz! Sei que ireis cuidar bem dele." Depois, apontou para o livro do *Harry Potter*. "Queres companhia para começar?" Enfadado, confessei: "Só esse monte de feiticeiros na capa tira-me a vontade... Estas sagas famosas irritam-me! Toda a gente leu os livros, viu os filmes e conhece a história de trás para a frente." "Isso só prova que a história é boa." "Duvido!" "Não sejas do contra, Seby! Garanto-te que vais gostar." *Toy* pulou para a cama e aninhou-se, pronto para uma soneca. Eu respirei fundo... e rendi-me aos argumentos de Maria e à inevitabilidade do meu dever.

O tempo voou, muito por culpa do livro que me abriu os olhos para um mundo novo. Era inacreditável, mas estava a adorar a história do *Harry Potter*! As primeiras páginas tinham sido quase dolorosas de assimilar... Sem o incentivo

de Maria, talvez tivesse desistido no primeiro capítulo! Porém, mal me dispus a abraçar a fantasia dentro da aventura, tornou-se difícil parar de ler. Dei por mim eufórico e ansioso, com as emoções ao rubro, subindo e descendo ao ritmo das de *Harry*, enquanto gravava na mente cada palavra com espanto e admiração. Tão absorto estava, que só com a chegada dos meus pais me apercebi de que Maria se fora embora. Mais tarde, após terminar o livro, admiti, com um nó na garganta, que o li tão depressa porque me identifiquei com a personagem principal, na sua luta contra o mal. A saga entusiasmou-me tanto, que comprei o segundo volume e comecei a sonhar que fazia parte da história. Tornei-me um corajoso feiticeiro, travei gloriosas batalhas e venci os meus demónios... O mais extraordinário era que esses sonhos me ajudavam a enfrentar o medo! Até passava por Dinis sem me encolher, o que o desencorajava a cuspir a sua coletânea de atrocidades. Estava preparado para falar sobre o livro na aula... Só que, no dia marcado, a professora anunciou de surpresa: "Por sugestão do coordenador de departamento, as vossas apresentações serão feitas no auditório da escola, com a participação das outras turmas de Português. Podem ir andando para lá." E isso foi quanto bastou para despedaçar toda a firmeza que eu entretanto reunira. *Vou ter de falar para uma centena de pessoas? Não! Não pode ser!* Saí intempestivamente da sala, com o coração a mil, a mente num turbilhão e a vista a turvar-se. Sabia o que me estava a acontecer... *Não! Tenho de me controlar... Não posso quebrar-me à frente deles!* Sim, as pessoas também se quebram... E eu estava prestes a estilhaçar-me num milhão de cacos!

Ao invés de ir para o auditório, precipitei-me para a casa de banho e fechei-me num dos compartimentos. Sentei-me na sanita, abraçado aos joelhos, a respirar aos arrancos e com as lágrimas a escorrerem pelo rosto, enquanto me balançava para a frente e para trás, e cravava as unhas nas palmas das mãos. *Não consigo...* O meu corpo convertera-se numa massa informe, que tremia por inteiro. A cabeça latejava, o coração ameaçava rebentar e os pulmões contraíam-se. Ia desmaiar... De repente, um estrondo sacudiu-me a consciência. A porta da casa de banho fora escancarada! No meio da aflição, a voz jocosa de Dinis feriu-me a alma: "Sebas... Sei que estás aqui!" Ouvi as risadas de Vitor, o seu melhor amigo. Começaram aos murros à porta do compartimento. Tapei a boca e encolhi-me ainda mais, em pânico. *Eu não mereço isto!* De súbito, silêncio. Teriam desistido? Não! Voltaram a atacar a porta, tentando abri-la com um cartão. Conseguiram. "O sebososo está a chorar!" Arrastaram-me para

fora e prostraram-me no chão gelado. Ali fiquei, desesperado, à mercê das suas gargalhadas. “Achaste que podias esconder-te?”, rosou Dinis, cuspidando-me para cima. “Vamos gravar este mariconço e torná-lo uma estrela do YouTube”, lembrou-se, sacando o telemóvel. Contudo, a ideia fez Vítor vacilar. “Vá lá, Dinis... Já chega! Deixa-o em paz!” “Deixá-lo...?! Estás parvo?!” “Não... É que... Eu não posso meter-me em sarilhos! O meu pai já me avisou...” “Pois, desaparece! Não preciso de um croço como tu para nada!”

Assisti à discussão dos meus carrascos, paralisado de horror. Porém, ao ver Vítor sair, uma chama acendeu-se dentro de mim. Mal Dinis me apontou o telemóvel, levantei-me e enfrentei-o: “Julgas que és o maior? Não passas de um covarde, estúpido como uma pedra!” Isso não ia soar bem na gravação. Furioso, Dinis empurrou-me contra a parede, berrando: “Vais morrer...” Todavia, antes que o seu soco me atingisse, foi puxado para trás. Atónito, vi Maria dar-lhe uma palmada na mão. O seu telemóvel foi projetado pelo ar, bateu num



lavatório e desfez-se em pedaços. Dinis fitou-me, com os olhos esbugalhados de assombro, e gaguejou: “C... Como... fizeste isto?” E, de novo, Maria investiu contra ele e, sem um pinga de temor, apertou-lhe o pescoço. Certo de que Dinis lhe ia bater, lancei-me em sua defesa. No entanto, detive-me ao vê-lo levar as mãos à garganta e arfar: “Para, Sebastião... Para...” Tombou de joelhos diante de Maria, mas continuou a fixar-me e a gorgolejar, como se a sufocar: “Por... favor...” Encarei Maria, perplexo. E, desta vez, não tive dúvidas. Ela espargia luz!

Maria soltou Dinis. Ele despenhou-se no chão e recuou, arrastando-se sobre o traseiro, a esbofar, aterrado. Assim que alcançou a porta, fugiu. Convicto de que Dinis

não vira Maria, inquiri, estarecido: “Quem és tu?” Sim, quem era aquela rapariga que aparecia e desaparecia como por encanto, que brilhava como se coberta de pó mágico e que ninguém mais lobrigava? Seria uma feiticeira verdadeira? Ou eu estava a delirar? Então, Maria abeirou-se de mim, envolveu-me no seu olhar verde profundo e enunciou com candura: “Tu salvaste o meu melhor amigo, por isso quis ajudar-te... Mas, agora, tenho de ir ter com a minha família. De qualquer maneira, já não precisas de mim! A chama que hoje se acendeu em ti não mais se apagará... Vai! Tens um livro para apresentar... O primeiro de muitos desafios que hás de superar com distinção! Em breve, quando encontrares a Joana, ela irá contar-te tudo sobre mim... Sê forte, Seby! Sê grande!” Estupefacto, vi-a desvanecer-se no ar, como se feita de uma poeira cintilante que, lentamente, se dissipava ao sabor de uma brisa inexistente.

Entrei no auditório com as pernas a tremer. *Terá sido uma alucinação?* Contudo, não tinha tempo para esmiuçar o pasmo e a incredulidade, pois já ali estava toda a gente. No palco, a professora de Português anunciava: “O Sebastião Rodrigues irá apresentar o livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, de J. K. Rowling.” Todos os olhos se viraram para mim. Recomecei a andar, mas vacilei ao avistar Dinis no caminho. Segredava ao resto da turma, gesticulava e apontava para mim. Inesperadamente, Rita surgiu, deu-me o braço e incentivou-me a avançar. “Boa escolha de livro! Vem. Eu ajudo-te a passar pelo teu *Voldemort*.” Refutei: “Dinis é só um fanfarrão. A timidez e a insegurança são o meu *Voldemort*... mas eu vou vencê-las!”

Chegado ao palco, apercebi-me de que transpirava abundantemente. Afastei a franja do rosto e engoli em seco, olhando para o teto alto e para as janelas que deixavam entrar a luz no espaço, antes de reunir coragem para enfrentar a expectante plateia. Aqui e além, ouviam-se risos abafados. “Queres que chame o INEM?”, alguém troçou. A minha professora estava a perder a paciência. “O tempo está a contar, Sebastião. Os teus colegas também têm de apresentar...” *Eu consigo fazer isto, pensei. Afinal, irei falar sobre um livro que adoro...* Comecei numa voz titubeante e rouca, com os nervos entalados na garganta. Porém, após uns segundos de angústia, concentrei-me totalmente, o meu raciocínio fluíu com naturalidade e a voz ganhou firmeza. A partir daí, o tempo pareceu voar... De repente, a apresentação estava concluída e toda a gente aplaudia de pé, lançando gritos de apoio! Até a minha professora exibia um grande sorriso. “Bravo, Sebastião!”, exclamou. “Estou orgulhosa do teu trabalho!”

“Sebastião Rodrigues: 19,8 valores.”

Fiquei estático, a fitar a professora de Português. Teria escutado mal? Os meus colegas levantaram-se e bateram palmas, tornando o momento bem real. Fui invadido por uma onda de felicidade, como se um calor crescesse dentro do meu peito e se expandisse pelo corpo. Com uma expressão satisfeita, a professora perfez: “Quero que saibam que esta foi a melhor nota que atribuí em todas as turmas. Parabéns, Sebastião! O teu esforço e o teu progresso foram notáveis!” Agradei, ruborizado. Vítor bateu-me nas costas, ergueu-me um braço e clamou: “Viva Sebastião Potter, *O Vencedor!*” Toda a turma gritou: “Viva!” E, finalmente, eu percebi o que Rita quisera dizer, ao afirmar que não existe amor maior do que a nossa auto-estima. Depois de ter superado o terror da apresentação oral, eu aprendera a confiar nas minhas capacidades. Sabia, instintivamente, que não voltaria a sofrer ataques de pânico, pois não existiam “monstros” no meu caminho que a espada da minha inteligência e a varinha mágica da minha confiança não pudessem derrotar.

Volvi à realidade e confrontei-me com o esgar rancoroso de Dinis. Após o incidente da casa de banho, ele afiançara a toda a gente que eu era um bruxo, que o atacara com os meus poderes abomináveis e por pouco não o matara. Ninguém acreditara! Por fim, até os amigos se tinham fartado da sua obsessão, e começado a defender-me sempre que ele me insultava. Apesar de tudo, eu não lhe guardava ressentimentos. Pelo contrário, alimentava a esperança de que, um dia, Dinis tivesse a hombridade de admitir que errara e se retratasse.

No intervalo, Rita veio congratular-me. A notícia da minha nota espalhara-se pela escola, qual rastilho de pólvora. Também trazia boas novas: “Hoje, o nosso clube de leitura conquistou mais cinco membros!” Eu lançara-lhe esse desafio a seguir à apresentação, e ela aceitara de imediato. Felizmente, reprimira a vontade de me declarar, pois, nesse mesmo dia, descobrira que Rita e Beatriz namoravam. O desabafo de Rita, no espetáculo, fora disfarçadamente dirigido ao pai e à madrastra, seguidores fanáticos de uma seita esquisita, que a tinham expulsado de casa quando ela contara que se apaixonara por uma rapariga. Como a mãe vivia na Austrália, Rita estava a morar com os avós. Para minha própria surpresa, eu não ficara amofinado nem triste com a revelação. Ainda achava que Rita era linda como uma deusa, mas o nosso convívio provara-me que só desejava ser seu amigo.

Estava em pulgas para contar aos meus pais que tivera a melhor nota a Português. Era incrível o quanto a minha vida mudara numa semana... em parte, graças a Maria! Continuava a não saber quem ela era, ou “o” que ela era, nem porque me procurara, nem porque sumira de vez. Mas jamais a esqueceria! Num impulso do coração, esboçara o seu rosto no meu “caderno secreto”. Modéstia à parte, fizera um ótimo trabalho! Nessa tarde, desenhei o último traço e, com a respiração acelerada, escrevi num canto: “Quem é a Joana?” Nesse instante, *Toy* entrou no quarto e tocou-me com a pata, sinal de que precisava de ir à rua. Como os meus pais se iam demorar, levei-o a passear no parque.

Já no caminho de volta, ao passar pela porta do ginásio, tornei a sorrir ao pensar que também os meus hábitos se haviam alterado. Inscreverame nas aulas de karatê e estava a comer melhor, não porque me sentisse “o Sebastião que come tudo e é um barrigudo”, mas porque queria ser mais saudável.



Ao chegar a casa, encontrei a porta dos vizinhos aberta e algumas malas à entrada. Aquando da nossa mudança, os meus pais tinham falado neles, mas, até agora, eu não lhes pusera a vista em cima. Espreitei discretamente... De repente, *Toy* deu um forte puxão à trela, soltou-se e invadiu o território alheio. Aflito, corri atrás dele. Então, uma voz gritou, cheia de comoção: “Mãe, pai, o *Toy* está aqui!” E eu deparei com uma rapariga da minha idade, com cabelos pretos compridos, a abraçar o meu cão com os olhos verdes cheios de lágrimas. Chocado, senti-me a gelar e a arder por dentro, em simultâneo, com o coração a galope e a mente aos espasmos. “Ma... Maria?”, gaguejei. De súbito, os seus pais apareceram. “Joana, o que foi...?” Surpreenderam-se ao ver-me. A senhora reparou na bola de pelo

no colo da filha e exclamou: “Santo Deus, é mesmo o *Toy!*” Entretanto, os meus pais chegaram. Todos se cumprimentaram. Aparentemente, eu era o único que não entendia nada do que estava a acontecer. “O *Toy* era o cão da Maria”, dizia a mãe de Joana. “O Sebastião encontrou-o num descampado”, explicava a minha mãe. Ciente da minha confusão, Joana mostrou-me no seu telemóvel a foto de duas miúdas muito parecidas, ela e a sua prima Maria, a brincarem com um cão. Com *Toy!* A mancha branca no focinho preto era inconfundível! *Será que eu tombei numa realidade paralela...? Será que isto é um sonho? Será que enlouqueci!?*

Nessa tarde, confirmei que nem tudo na vida pode ser explicado pela frieza da razão. Maria e os seus pais seguiam no carro que capotara no acidente que nós testemunháramos na auto-estrada. A “coisa preta” que eu vira a ser projetada para longe era *Toy*. Os pais de Maria haviam falecido de imediato; ela ficara em coma. Joana e os seus pais, tios de Maria e nossos vizinhos, quase não tinham saído do hospital, na esperança de que Maria despertasse. Só vinham a casa para dormir, mas eu nunca me apercebera deles. Então, há uma semana, no dia da minha apresentação, a luz de Maria apagara-se. Prostrada pelo desgosto, a família fizera uma curta viagem para recobrar o alento, e acabara de regressar. Sim, os meus pais sabiam disto tudo, exceto do que a *Toy* concernia. Inclusive, haviam atendido aos funerais. Porém, eu fora mantido na ignorância “para não ficar traumatizado”... Se eles sequer sonhassem!

De alguma maneira, enquanto o seu corpo jazia na cama do hospital, o espírito de Maria procurara-me para que eu salvasse o seu melhor amigo: *Toy*. Após cair longe do carro, ferido e desorientado, o pobre animal devia ter deambulado em busca dos donos, até que, exaurido, se deitara para morrer. Se eu contasse isto aos meus pais, eles arrastar-me-iam para um psiquiatra, em pânico! Contudo, não fui capaz de enganar Joana. Quando lhe chamei “Maria”, ela inferiu que eu guardava um segredo, e só descansou quando o confessei. Mostrei-lhe o desenho que fiz da prima e amparei o seu choro compulsivo. “Joana irá contar-te tudo sobre mim...” E Joana contou! Para ela, Maria era a pessoa mais maravilhosa, generosa e terna que já vivera. “Porque será que ela me escolheu?”, perguntei-lhe, enquanto passeávamos *Toy* no parque. “Porque tu também és especial, Seby”, respondeu-me. E ficou encantadoramente vermelha, ao acrescentar: “E, se calhar, porque sabia que nós dois acabaríamos por nos encontrar!”

Um ano depois, o Projeto Read On chegou à minha escola, e cada membro do clube de leitura foi convidado a escrever um conto. Rita já não está connosco, pois transferiu-se para a escola de Beatriz. Contudo, eu não esqueço a lição que ela me ensinou, sobre quão importante é superar os nossos medos e inseguranças, e acreditar na força do nosso coração. Logo, assim que me sentei para escrever esta história, tributo a Maria, o título surgiu naturalmente... Porque, agora, o maior amor de todos também arde com fulgor dentro de mim!

ESCOLA SECUNDÁRIA EMÍDIO NAVARRO, *ALMADA*

TEXTO

Turma 11º LH

Diogo Marques

Filipe Santos

Gonçalo Jorge

Inês Santos

Ivan Rafael

Joana Rosa

Mariana Takenit

Tomás Alves

Turma 12º AV

Sofia Sousa

ILUSTRAÇÕES

Turma 12º AV

Ângela Nunes

Sandra Carvalho (ilustração Toy)

Professora: Maria da Conceição Costa

Nuno Matos Valente É natural de Lisboa. Cresceu na cidade de Castelo Branco, onde viveu a partir de 1980. Reside em Alcobaça desde 2007. É professor de Educação Visual e editor das Edições Escafandro.

É coautor da coleção "Segredos" de manuais escolares para o primeiro ciclo do ensino básico, publicado pela Raiz Editora.

É autor da Coleção de Ficção Juvenil "A Ordem do Poço do Inferno", recomendada pelo PNL.

Foi pioneiro no estudo e compilação das criaturas tradicionais do imaginário popular português, de onde resultou a publicação do primeiro Bestiário Tradicional Português, editado pela Escafandro em 2016.

Em 2019, foi-lhe atribuída uma bolsa de criação literária pela Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas.

EQUÍVOCOS

Naquela manhã, ao entrar para a aula, tornou a vê-la. Sentou-se atrás, no seu lugar do costume, e observou, sem se cansar, as linhas suaves do rosto, o cabelo longo, o ar de quem parecia estar atenta a tudo sem dar grande importância a nada. Estava sentada na segunda fila da frente e conversava animadamente com uma colega.

O João sentou-se no lugar vazio ao lado do amigo.

– Olha lá, Ricardo, quando é que te declaras?

Fingiu não entender.

– Acho que só o professor é que ainda não percebeu que tu estás apanhado.

O amigo agitou-se na cadeira e não escondeu um sorriso.

– Hoje vou falar com ela.

– A sério? Então?

– Logo te conto. Olha o “profe”.

O Ricardo trabalhava numa loja de calçado depois das aulas e, na loja em frente, trabalhava a Rita. Os dois costumavam sair da universidade em direção à Rua da Vitória, aparentemente indiferentes um ao outro, apesar de percorrerem sempre o mesmo caminho.

A meio da tarde, a Rita costumava sair da loja para fumar um cigarro, em pé, junto à porta. Apesar de o fazer pontualmente, e de o Ricardo ter imaginado dezenas de maneiras diferentes de meter conversa com ela, a coragem tardava. Mas, naquela tarde, tinha decidido: também ele iria lá fora fumar!

Assim que viu que a Rita saía da loja para fumar, imitou-a. Naturalmente, não conseguiu evitar o ataque de tosse. Mas, pelo menos, chamara a atenção da colega do outro lado da rua que, inesperadamente, a atravessou ao seu encontro.

– Nunca tinhas fumado, pois não? – troçou.

– Não.

– Então não comeses. Dizem que mata!

Antes que o Ricardo tivesse tido tempo de pensar numa resposta, ela apagou o cigarro e voltou à loja. A conversa não corria como ele imaginara, mas era um progresso.

O resto da semana não trouxe novidades: a Rita não tornou a atravessar a rua, nunca se voltou para trás na aula, não tornaram a contactar. Talvez aquela pequena interação, que fora o ponto alto do seu semestre, não tivesse tido qualquer significado para ela.

Chegou o sábado. Levantou-se tarde. Tentou estudar, adiantar alguns trabalhos, mas nenhuma tarefa chegava realmente a ir por diante, entrecortadas por consultas constantes ao telemóvel, às redes sociais, aos emails. Perguntava-se quanto tempo duraria aquela letargia. Aquilo seria ele, agora?

Os relógios ainda não marcavam as cinco da tarde quando as primeiras luzes se acenderam nos candeeiros da rua sem qualquer efeito na iluminação do bairro para além dos pontinhos alinhados que pareciam sublinhar os caminhos possíveis.

Permanecia imóvel, de lápis na mão assente sobre uma folha branca, sentado à mesa da cozinha coberta de papéis amarrotados.

Quando o candeeiro que estava do lado de fora da sua janela se acendeu precocemente, a sua mão movimentou-se sobre o papel e a ponta do lápis começou a libertar partículas de carvão que formariam setenta e duas vezes a palavra Rita, Rita, Rita..."

À septuagésima terceira repetição parou e decidiu dar àquela folha o mesmo destino das outras que se amontoavam amarfanhadas à sua frente. Não chegou a terminar o gesto, interrompido por um zunido familiar, emitido pelo smartphone pousado na cadeira ao seu lado. O ecrã iluminou-se com um número de nove algarismos que não reconheceu. O aparelho vibrou um pouco mais até que, por fim, sossegou. Um ícone indicava que a chamada ficara por atender. Deitou as folhas todas para o lixo e abandonou a cozinha em direção ao quarto, evitando o colega de casa, e fechou-se sozinho, saltando para a cama, onde tinha decidido fitar o vazio das paredes. As imagens que lhe ocupavam o pensamento projetavam-se sobre a parede, sempre o mesmo tema, sempre as mesmas imagens, sempre a mesma miúda.

E assim esteve, durante algum tempo, até que um pequeno pensamento, como uma larva que eclode pequenina, começou a incomodá-lo, primeiro como um grãozinho, pouco depois um ruído de fundo e, por fim, um impulso pleno transformado em sinais elétricos com que o seu cérebro comandaria os músculos da sua mão e braço na direção do telefone e do ícone de chamada por atender que permanecia no ecrã. Observou o número mas, apesar de algum esforço, não lhe conseguiu associar nenhuma memória. Decidiu ligar de volta. Escutou um

toque, dois toques... e quando se preparava para desligar, o aparelho do lado de lá atendeu. – Estou, Ricardo? – Sim? – É a Rita.

O sol brilhava intensamente naquela tarde de domingo. Sem conseguir controlar o desejo de a ver, chegara meia hora mais cedo ao parque perto do trabalho onde ficara combinado o encontro.

Sentado num banco de madeira em frente de um lago com patos, observava as brincadeiras das crianças que por lá andavam. Ela chegara à hora combinada trazendo um vestido amarelo.

Sentados lado a lado sem falar, abanava a perna, agitado, enquanto ela, corada, mexia no cabelo.

- Aquela menina ali no escorrega podia ser eu. Tranças e tudo.
- Vai lá dizer-lhe que quando crescer vai ser uma mulher linda.

Passaram a encontrar-se com mais frequência.

Na faculdade trocavam olhares e beijos e palavras. Com a chegada do inverno, escurecia cada vez mais cedo e as luzes da cidade brilhavam com intensidade ao refletirem o chão molhado.

Certa noite, em que a cidade estava muito movimentada, saíram para jantar. No restaurante onde se encontravam, os empregados não tinham mãos a medir para os pedidos, pormenor que passava completamente ao lado do casal.

Não há vocabulário em todo o dicionário que possa descrever a perfeição do encontro. Nem das horas que se seguiram, os dias, e algumas semanas. Eram a definição de paixão.

Era frequente vê-los de mão dada pela rua, fazendo sorrir quem por eles passava, fosse pela doce memória que o par lhes despertava, fosse pela confirmação de que aquela harmonia é, afinal, alcançável.

Numa tarde de domingo encontraram-se no parque. Ricardo, sentado num banco, viu a namorada aproximar-se com o seu cão, Feijão, pela trela.

- Já estava preocupado!
- Mas cheguei antes da hora...
- Se calhar eram saudades.
- Então, amanhã venho mais cedo.

Feijão corria alegremente atrás dos patos enquanto Rita e Ricardo tentavam acompanhá-lo sem perder o fio à conversa. Quando Feijão se cansou, voltou para

junto da dona que pôde finalmente sentar-se ao lado de Ricardo num daqueles bancos prateados de jardim, por baixo de um grande carvalho que lhes fazia sombra.

– Amanhã sempre vais ver o meu jogo? O meu colega de casa convidou-te para jantar. Também vai a namorada dele. A Ana, conheces? Depois podemos ir para tua casa.

- Sim, claro, vou levar o Feijão ao veterinário, mas depois vou lá ter. Posso levá-lo?
- É na boa! Eu sei que ele não morde.

Já estava a escurecer quando decidiram ir embora e despediram-se com um beijo. Ricardo fez o longo caminho até casa sobre nuvens. Ao chegar à porta, meteu a mão na mochila para retirar as chaves e sentiu um tremor: era o seu telemóvel. Observou o nome “João” no ecrã e, quando atendeu, escutou uma voz exclamativa:

- Mano, nem sabes o que acabei de ver!

Ricardo, ao destrancar a porta, hesitou, mas arriscou perguntar:

- João? O que é que se passa?!
- Acabei de ver a Rita a entrar no meu prédio em direção ao andar do meu vizinho, o Fernando do segundo ano!

- O Fernando? Qual Fernando? O ex dela?
- Ya!

Desligou a chamada abruptamente e, sem olhar para trás, dirigiu-se ao prédio do amigo e do vizinho dele.

“O Fernando”, pensou. “A Rita continua a encontrar-se com o ele!”.

Perto do prédio, protegido pela penumbra, estacou e permaneceu assim, como um lobo à espera de uma presa que não quer realmente apanhar. Já se fazia noite e apenas a lua iluminava aquela rua, quando finalmente a Rita saiu do maldito prédio. Deu um passo em frente, para o luar.

- Ricardo? O que é que estás aqui a fazer?

– Isso pergunto eu. Já sei de tudo, Rita. Andas a trair-me? Como é que é possível? Depois de tudo o que temos feito um pelo outro, partilhei contigo a minha vida inteira e é assim que me retribuís? O que é que esse gajo tem que eu não tenho, Rita, hã!? Diz-me! Quero saber!

– Ricardo! Já chega! Eu e o Fernando somos amigos! Sabes que mais? Não confias em mim? Esquece-me!

– Rita!

A rapariga já se afastava.

– Não me procures!

Devia ter corrido atrás dela, devia ter-se justificado, mas os pés recusaram sair do lugar.

Só caiu em si já estava de volta em casa. Sentou-se no sofá. Olhou para cima e respirou fundo na tentativa de se acalmar. Ao fim de alguns minutos, os sentimentos de angústia e raiva foram desaparecendo e encheu-se de coragem para ligar para a Rita. Da primeira vez ela não atendeu. À segunda tentativa, também não. Agitado, andava de um lado para o outro, e ensaiou uma terceira tentativa. Finalmente a Rita atendera a chamada, mas permanecia muda.

– Estou? Rita? Podemos ter uma conversa calma?!

– Ricardo, eu... – começou Rita por dizer, interrompendo-o.

– Rita, por favor, não digas nada de que te possas arrepender.

– Eu preciso de um tempo, eu preciso de espaço, está tudo muito confuso na minha cabeça. Eu acho que devíamos pensar em nós mesmos durante um tempo. Percebes? Percebes, Ricardo? Estou? Alô?

Resolveu respeitar e dar o tempo que Rita lhe pedira. Por isso, quando passava por ela na faculdade, apenas lhe dizia bom dia e lhe perguntava como ela estava, ao que Rita respondia que estava bem e retribuía-lhe a pergunta. O tempo foi passando e a relação deles resumia-se a isso. Até que, um dia, ela resolveu procurá-lo para conversarem.

Ricardo estava no corredor, em frente à sala onde normalmente tinha aulas. Estava de frente para a porta por onde Rita havia entrado e ria de algo que o João tinha dito. Ela observava-o atentamente de longe e, quando os seus olhos finalmente se cruzaram, não soube decifrar aquele olhar.

Avançou vacilante na sua direção. Sentia o olhar de Ricardo cravado em si enquanto caminhava lentamente, pensando no que haveria de dizer. Quando estava prestes a alcançá-los, o João retirou-se - decerto ele sabia que estava para vir uma conversa delicada que dispensava espectadores.

– Olá... – disse ela timidamente, encarando-o finalmente, frente a frente depois de todo aquele tempo em que se trataram quase como estranhos

– Olá... Rita, tudo bem? – respondeu ele sem saber muito bem o que dizer.

– Olha, Ricardo... não quero estar aqui com rodeios, ambos sabemos por que é

que eu estou aqui e acho que não vale a pena fingirmos que está tudo bem quando não está. Somos os dois adultos e sei que parece um pouco hipócrita dizer isto depois de ter sido eu a evitar esta conversa, mas eu realmente precisava de um tempo para pensar sobre nós... se é que ainda existe um nós... – acrescentou, baixinho.

– Rita, eu respeitei o teu espaço, dei-te tempo para pensares e também aproveitei eu mesmo para pensar e tu sabes que eu te amo. Acho que nos devíamos dar mais uma oportunidade. Eu realmente acredito que o nosso amor é muito mais do que isto. Eu precipitei-me, eu sei. Mas quando te vi com ele...

– Ricardo, o amor é fundamental num relacionamento, mas também tem de ser baseado na confiança, no respeito. Como é que pudeste pensar que eu te estava a trair? A partir do momento em que tu te envolves com alguém tens de ter a noção de que as tuas escolhas, as tuas atitudes não te afetam somente a ti. Magoaste-me, mostraste-me que não confias em mim, que não confias na força do nosso amor, da nossa cumplicidade. Como esperas que eu continue num relacionamento onde o meu parceiro desconfia do que eu faço? Onde o meu namorado me segue, me tenta controlar?

– Rita, ouve, eu sei que errei mas...

Levantou a mão, como que pedindo para que ele aguardasse e prosseguiu:

– Ao dizer isto, não estou a pôr as culpas todas em ti, tu não estavas num relacionamento sozinho... eu também tenho a minha parcela de culpa, devia ter sido honesta contigo desde o início e... olhando agora para trás, nem sei porque não o fui. Mas agora já está feito e só nos resta lidar com as consequências. Talvez isto que aconteceu tenha sido apenas um "bom pretexto" para pormos um fim a isto...

– Tu ainda não entendeste, pois não? Eu não quero acabar contigo. Eu quero lutar por nós, eu quero lutar por ti, Rita!

– Já não há nada pelo que lutar, Ricardo! – disse ela enquanto uma lágrima solitária lhe corria pela face direita. – Quanto mais cedo pusermos fim a isto melhor, por tudo o que nós vivemos, peço-te que não o tornes mais complicado do que já é.

Ricardo aceitou a decisão de Rita, mas no seu coração sentia uma raiva imensa, um rancor inexplicável.

Dias se passaram desde então e Ricardo não se conformava. Decidiu, então, tornar a segui-la. Era a pior decisão que podia ter tomado, ele sabia mas, às vezes, há algo dentro de nós que não conseguimos controlar.

Seguiu-a vezes e vezes sem conta e ela nunca se apercebeu de nada. Até um dia. Parecia-lhe que ela se dirigia para a biblioteca mais próxima de casa, talvez para evitar vê-lo na biblioteca da faculdade, mas era algo mais sinistro que isso. Um rapaz? Aquilo era um rapaz?!

Não podia acreditar no que os seus olhos viam! Aquele era o Fernando?

Aproximou-se.

– Então, Rita? Afinal eu tinha razões para ficar desconfiado!

– Ricardo?! – balbuciou a rapariga, levantando-se da cadeira onde estava sentada. – O que fazes aqui? Estavas a espiar-me? Outra vez?

– E pelos vistos com razão!

O Fernando estava visivelmente atrapalhado e não dizia nada.

– Não acredito que depois de tudo aquilo que passámos por culpa dos teus ciúmes, tu ainda me segues! E o pior é que nós já nem namoramos! Nós não estamos juntos, Ricardo. Vê se pões isso na cabeça de uma vez por todas! Custou-me imenso, mas eu acabei contigo justamente porque não existia confiança. O mínimo que podias fazer era dar-me um pouco de paz!

– Ouve lá - disse o Fernando, aproximando-se. – Ela já te disse que a deixasses em paz! Não percebes português?

Cego pelo ódio, só caiu em si quando o Fernando caia no chão, consequência de um soco que nem um nem outro tiveram tempo de evitar. Caiu no chão, bateu com a cabeça e ficou inconsciente.

– Fernando! Ó Ricardo, o que é que fizeste? Fernando? Alguém chame uma ambulância! Liguem para o 112! Depressa!

A ambulância chegou e levou o Fernando para o hospital. Ela entrou na ambulância com o rapaz ferido e, quando o bombeiro fechou a porta, lançou-lhe um último olhar, um que o Ricardo não soube decifrar.

Chamou um Uber e dirigiu-se ao hospital.

– Boa tarde. Um rapaz chamado Fernando Lopes entrou hoje no hospital, não deve ter sido há mais de meia hora, ele veio de ambulância. Sabe onde está?

A rececionista consultou o computador e escreveu umas palavras num pedaço de papel, que lhe entregou.

– É neste piso, cama 233. Pode subir por aquele elevador.

Entrou no elevador, subiu ao segundo andar e dirigiu-se ao corredor das enfermarias. Tremeu quando viu a especialidade: Oncologia.

Entrou no corredor, sentiu um frio na barriga como se o seu coração congelasse a cada passo que dava naquele escuro e solitário corredor. Antes de dar o próximo passo, olhou em frente e viu a Rita, sentada com a cabeça entre as mãos como uma deusa grega em lágrimas enfeitando o fundo daquele corredor triste.

- Ricardo? Outra vez? Não me deixas em paz?
- Espera, Rita! Vinha pedir desculpa! A sério. Quero ver o Fernando e pedir-lhe que me desculpe, estou tão arrependido!
- O Fernando está ali dentro, mas não podemos entrar.
- Porquê? E porque é que ele está neste piso?
- Ele foi diagnosticado com um tumor cerebral recentemente e só me contou a mim, nem os próprios pais sabem! Por isso é que o trouxeram logo para aqui!
- Então foi por isso que tu...
- Foi! Não te contei nada porque ele me pediu. Querias o quê, que o abandonasse naquela altura? Por causa dos teus ciúmes?
- Eu não podia adivinhar.
- É melhor ires embora. Ele não te pode receber e eu... eu não te quero ver.

O alarme tocava. Abriu um olho, olhou para o despertador:

7:20

“Tenho aula. Mas não me apetece nada levantar”, pensou.
O despertador tocou de novo. Caíra no sono.

7:29

“É tão cedo. Como estará o Fernando? E a Rita? Estará com ele?”
O despertador insistia:

7:36

A cara pesava na almofada quente, o peso do corpo deformava docemente o colchão.

“Rita, espero que me perdoes. Estás a ouvir-me, Rita? És tu que estás aí ao fundo? Eu sei que me vais perdoar. Não sei o que me deu, lamento, lamento!”

7:45 7:54 8:03

“Não vou às aulas, Rita. Preciso de descansar. Ainda bem que voltaste. Estás diferente.”

“Descansa meu amor. Vai tudo ficar bem”

“Perdoas-me?”

“Claro, Ricardo. O amor perdoa tudo. Sabes que o que temos é amor, não sabes?”

8:12

“Ficas comigo?”

“Claro, meu amor. Para sempre. Aqui, contigo.”

8:21

8:30

8:39

...

ESCOLA SECUNDÁRIA FERNÃO MENDES PINTO, *ALMADA*

Turma 11º7 do Curso Científico-Humanísticos - Línguas e Humanidades

Alexandre Abrantes da Silva

Andreia Filipa Pedreira Pinto

Beatriz Filipa Ramalho Abreu

Beatriz Gomes Rebelo

Beatriz Silva Santos

Carlos Miguel Mota Dinis

Daniel Alexandre G. Ucuahamba

Daniela André Gunza

Daniela Filipa dos Santos Simões

Elisiane Eurídice Ramos Tavares

Emanuelle L. Basilio de Oliveira

Érica Martins de Borba

Inês Figueira Correia

João Filipe Babo de Almeida Félix

Leonardo Filipe N. Pedroso

Luís Carlos Pestana Pica

Luís Henrique Mourato Rosinha

Mafalda Nabais Baldo F. Bóia

Mariana Painto Correia P. Barros

Nadine Simone Silva Monteiro

Rafaela Ferreira Esteves

Rodrigo de Oliveira Figueiredo Tito

Rúbia de Fátima C. Marques da Costa

Tomás Fernandes Santos

Professora: Sandra Videira

CDC - Código de Cores, Design e Produção

Criação e paginação

www.codigodecores.com



readonportugal@gmail.com



www.readon.eu



[@readonportugal](https://www.instagram.com/readonportugal)



[readon](https://www.facebook.com/readon)



<http://tiny.cc/canalyoutubereadon>



READ ● ON



Co-funded by the
Creative Europe Programme
of the European Union